



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS**

ANYELLE BORGES DOS SANTOS

**O TEXTO MEME NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA DO ENSINO
FUNDAMENTAL (9º ANO ESCOLAR): ENTRE A OPACIDADE DO VERBAL E DO
IMAGÉTICO**

Araguaína, TO

2023

Anyelle Borges dos Santos

**O texto meme nas aulas de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental (9º ano
Escolar: entre a opacidade do verbal e do imagético**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional – PROFLETRAS – Campus Universitário de Araguaína, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Selma Maria Abdalla Dias Barbosa

Araguaína, TO

2023

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

S237t Santos, Anyelle Borges dos.
O texto meme nas aulas de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental (9º ano escolar): : entre a opacidade do verbal e do imagético. / Anyelle Borges dos Santos. – Araguaína, TO, 2023.
70 f.

Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Araguaína - Curso de Pós-Graduação (Mestrado) Profissional em Letras Ensino de Língua e Literatura, 2023.

Orientador: Selma Maria Abdalla Dias Barbosa

Coorientador: João de Deus Leite

1. Análise de Discurso. 2. Discurso. 3. Texto. 4. Meme. I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Anyelle Borges dos Santos


O texto meme nas aulas de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental (9º ano Escolar): entre a opacidade do verbal e do imagético

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional – PROFLETRAS – Campus Universitário de Araguaína, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Letras.


Orientadora: Profa. Dra. Selma Maria Abdalla Dias Barbosa

Data de Aprovação: 16/05/2023


Banca Examinadora:

Documento assinado digitalmente
 SELMA MARIA ABDALLA DIAS BARBOSA
Data: 08/03/2025 11:33:12-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Selma Maria Abdalla Dias Barbosa – UFNT
Orientadora

Documento assinado digitalmente
 JOAO DE DEUS LEITE
Data: 17/03/2025 10:26:22-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dr. João de Deus Leite – UFNT
Examinador interno

Documento assinado digitalmente
 VILMA APARECIDA GOMES
Data: 21/03/2025 10:29:14-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dra. Vilma Aparecida Gomes – ESEBA/UFU
Examinadora externa

Aos meus pais, Nely e Anailton (*in memoriam*), com amor e gratidão.

Problematizar as maneiras de ler, levar o sujeito falante ou leitor a se colocarem questões sobre o que produzem e o que ouvem nas diferentes manifestações da linguagem. Perceber que não podemos não estar sujeitos à linguagem, a seus equívocos, sua opacidade.

(ORLANDI, 2020)

AGRADECIMENTOS

A gratidão é um dom que nos coloca em conexão com Deus. Muitas vezes, a exaustão decorrente das nossas jornadas nos impede de agradecer a todo o tempo, de forma contemplativa, serena e tranquila. Ainda assim, temos a capacidade de agradecer. Como dito anteriormente, é um dom. Dons estão em nós, como uma capacidade inata, que eu creio ser dada por Deus.

Cada um sabe o caminho que precisou percorrer até alcançar um objetivo, que chamo sonho. A minha jornada no mestrado teve início há 10 anos, em maio de 2013, quando inscrevi-me na primeira seleção do Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional – PROFLETRAS, campus de Araguaína. Fui aprovada. Em agosto do mesmo ano, iniciei o curso, com aulas presenciais, enfrentando o desafio de morar e trabalhar no estado do Pará e estudar no estado do Tocantins.

Apesar do desafio, mantive-me nessa rotina por alguns longos meses. Nesse período, iniciei o curso de Direito. Assim, trabalhava o dia inteiro em Conceição do Araguaia; à noite, cursava uma segunda graduação, numa outra cidade a 100 km de distância da minha residência. Às sextas, ia para Araguaína para as aulas do mestrado, de onde retornava, muitas vezes, aos domingos. A rotina estressante, o desgaste físico e emocional, além de outras questões, levaram-me a adiar o sonho do mestrado. Guardei-o comigo para realizá-lo tão logo Deus permitisse.

E Ele permitiu! No tempo Dele, no tempo certo. Por isso, meu coração está alegre e grato a Deus pela conclusão desse mestrado, por Ele ter me sustentado diante de inúmeros desafios. Em todos os momentos críticos, eu tinha a certeza de que Ele estava (Ele está) comigo e que cumpriria a promessa que havia feito para mim, não porque eu mereça, mas porque Ele é bondoso e fiel. Obrigada, Pai!

Creio que Deus envia pessoas, na verdade, anjos, que são instrumentos para o cumprimento dos desígnios Dele para as nossas vidas. Ao longo da minha trajetória, contei com muitos deles. Passo agora a agradecer alguns.

Agradeço a minha mãe, Nely Borges Gomes, a maior apoiadora deste projeto. Aquela que se preocupou com os mínimos detalhes, da oração para que tudo desse certo ao café para que eu me mantivesse acordada quando as atividades do mestrado assim me exigiam. Obrigada, minha mãe! Nenhuma palavra que eu disser aqui será

capaz de expressar o que sinto, tampouco, a minha gratidão por tudo o que a senhora fez e faz por mim. Desconheço maior generosidade e amor.

Agradeço também ao meu pai, Anailton Pereira dos Santos (*in memorian*), pelos ensinamentos transmitidos menos pelas palavras que pelas atitudes. Meu pai, o senhor foi e sempre será a minha referência de honestidade e inteligência. Sei como estaria feliz em me ver receber o título de Mestre. Sei como se sentiria orgulhoso.

Agradeço também aos meus irmãos Joanélia Kelly Borges Carvalho (*in memorian*), Nellylton Borges dos Santos e Nellyana Borges dos Santos. Irmãos são um pedacinho da gente em outros corpos. Obrigada, meus irmãos, pelas palavras de incentivo, pela torcida, pelo apoio e companheirismo que sempre dispensaram a mim. É muito bom ser irmã e amiga de vocês!

Às minhas sobrinhas Laura e Helena. Muitas vezes ouvi de vocês a reclamação: “Dinda, você só vive trabalhando nesse computador!”. Sei que ali havia um pedido de atenção. Paradoxalmente, esse pedido me causava pesar, mas também forças para continuar o trabalho. Obrigada, minhas bonecas! A dinda ama vocês!

Agradeço a minha orientadora, Professora Dra. Selma Maria Abdalla Dias Barbosa. Quando me refiro aos anjos enviados por Deus não poderia vir outra pessoa pra orientar este trabalho. Agradeço por todo o conhecimento, a paciência e a generosidade que a senhora dispensou a mim na produção da nossa pesquisa! Obrigada!

Agradeço também ao queridíssimo Professor Dr. João de Deus Leite pelas contribuições teórico-metodológicas e analíticas valiosíssimas para esta pesquisa, pela grandiosidade do ser humano que és, pela generosidade em coorientar esse trabalho. Muito obrigada!

Meu agradecimento à Professora Ma. Patrícia Luciano de Farias Teixeira Vidal, pela disponibilidade para participar das bancas de qualificação e de defesa e pela contribuição para esse trabalho.

Agradeço a todos os meus colegas de turma! A singularidade de cada um de vocês será guardada para sempre em meu coração. Obrigada por fazerem parte da minha história e também por me permitirem fazer parte da história de vida de vocês!

Agradeço a turma F9MR03, colaboradora da pesquisa, pela oportunidade de tanto aprendizado.

Por fim, agradeço a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização de um projeto tão importante em minha vida. Gratidão!

RESUMO

Neste trabalho, apresentamos os resultados de uma pesquisa-ação, interventiva, realizada numa turma de 9º ano de uma escola pública estadual, localizada no município de Conceição do Araguaia, estado do Pará. A chave de leitura perseguida no decorrer da pesquisa foi como os alunos da turma pesquisada leem o texto meme não perdendo de vista a relação entre o verbal e o imagético? Objetivamos problematizar essa relação, pois, dada algumas práticas sociais, há um pré-construído de que o imagético ilustra o verbal. A fim de alcançarmos o objetivo proposto, elaboramos um caderno didático a partir do qual, aula por aula, os alunos foram levados a pensar, primeiro, o imagético; depois, o verbal e, na sequência, o imagético e o verbal em relação. Para fundamentar esse trabalho, filiamos-nos à Análise de Discurso de linha francesa, com aporte teórico de Michel Pêcheux (2015) e Eni P. Orlandi (2020). A pesquisa está estruturada em 3 capítulos nos quais delineamos considerações acerca do texto e da interpretação pelo viés da Análise de Discurso nas aulas de Língua Portuguesa, apresentamos o nosso percurso metodológico e análises de recortes de formulações feitas pelos anos participantes da pesquisa a partir de questões apresentadas do caderno didático por nós elaborado.

Palavras-chave: Análise de Discurso. Pré-construído. Meme. Texto.

ABSTRACT

In this paper, we present the results of an interventional action research carried out in a 9th grade class of a state public school, located in the municipality of Conceição do Araguaia, state of Pará. The reading key pursued throughout the research was how the students of the researched class read the meme text without losing sight of the relationship between the verbal and the visual. We aim to problematize this relationship, because, given some social practices, there is a preconception that the visual illustrates the verbal. In order to achieve the proposed objective, we prepared a didactic notebook from which, class by class, the students were led to think, first, about the visual; then, about the verbal and, subsequently, about the visual and the verbal in relation. To support this work, we affiliated ourselves with the French Discourse Analysis, with theoretical support from Michel Pêcheux (2015) and Eni P. Orlandi (2020). The research is structured in 3 chapters, in which we outline considerations about the text and interpretation from the perspective of Discourse Analysis in Portuguese Language classes, present our methodological approach and analyze excerpts of formulations made by the students participating in the research based on questions presented in the didactic notebook prepared by us.

Key-words: Discourse Analysis. Pre-constructed. Meme. Text.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Meme Chico Buarque alegre / Chico Buarque triste	39
Figura 02 – Fotografia de uma vaca	40
Figura 03 – Fotografia de Lula	40
Figura 04 – Fotografias de Bolsonaro	41
Figura 05 – Fotografias de Anitta / Manifestante do caminhão	41
Figura 06 – Meme “É Bolsonaro ou não é?”	43
Figura 07 – Meme “Gado from Bolsonaro	44
Figura 08 – Meme Lula 9 dedos	45
Figura 09 – Meme Prova com Paulo Guedes.....	45
Figura 10 – Formulações dos alunos na questão 7 da Atividade 1.....	51
Figura 11 – Formulações dos alunos na questão 9 da Atividade 1.....	52
Figura 12 – Formulações dos alunos na questão 10 da Atividade 1.....	53
Figura 13 – Formulações dos alunos na questão 1 da Atividade 2.....	55
Figura 14 – Formulações dos alunos na questão 2 da Atividade 2.....	56
Figura 15 – Formulações dos alunos na questão 3 da Atividade 2.....	58
Figura 16 – Formulações dos alunos na questão 1 da Atividade 3.....	60
Figura 17 – Formulações dos alunos na questão 5 da Atividade 3.....	62
Figura 18 – Formulações dos alunos na questão 7 da Atividade 3.....	63
Figura 19 – Formulações dos alunos na questão 8 da Atividade 3.....	64
Figura 20 – Formulações dos alunos na questão 5 da Atividade 4.....	64
Figura 21 – Formulações dos alunos na questão 4 da Atividade 4.....	65
Figura 22 – Formulações dos alunos na questão 3 da Atividade 4.....	66

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Estrutura física da escola.....	31
Quadro 2 – Idade/sexo dos alunos participantes da pesquisa	33
Quadro 3 – Questões iniciais	38
Quadro 4 – Atividade 1 do Caderno Didático	38
Quadro 5 – Atividade 2 do Caderno Didático	40
Quadro 6 – Atividade 3 do Caderno Didático	42
Quadro 7 – Atividade 4 do Caderno Didático	43
Quadro 8 – Recorte de questões para análise	47

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Perfil profissional dos estudantes trabalhadores	31
Gráfico 2 – Entretenimento dos alunos.....	31
Gráfico 3 – Gosto musical dos alunos	32
Gráfico 4 – Indicadores de aprendizagem e aproveitamento ano letivo 2019	34
Gráfico 5 – Idade dos alunos participantes da pesquisa	35

SIGLAS

AD	Análise de Discurso
BNCC	Base Nacional Curricular Comum
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CF	Constituição Federal
EJA	Educação de Jovens e Adultos
LP	Língua Portuguesa
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PNI	Pesquisas de Natureza Interventiva
PPP	Projeto Político Pedagógico
PROFLETRAS	Programa Nacional de Metrado Profissional em Letras
SEDUC/PA	Secretaria Executiva de Educação do Estado do Pará
UAB	Universidade Aberta do Brasil
UFNT	Universidade Federal do Norte do Tocantins
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	14
2 A ANÁLISE DE DISCURSO NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL	16
2.1 Análise de Discurso de linha francesa.....	16
2.2 Princípios teóricos analíticos da AD	17
2.3 Interpretação e AD	19
2.4 A leitura à luz da AD	21
2.4.1 Leitura e ensino.....	22
2.5 Texto e discurso	22
2.5.1 Texto verbal e texto não verbal.....	24
2.6 O discurso digital e o texto meme	27
3 PERCURSO METODOLÓGICO	29
3.1 À respeito do PROFLETRAS.....	30
3.2 Caracterização da pesquisa.....	30
3.3 Caracterização da escola.....	31
3.3.1 Turma colaboradora da pesquisa	35
3.3.1.1 Condições sócio históricas e ideológicas	38
3.4 Intervenção pedagógica.....	38
3.4.1 Caderno didático.....	38
3.5 Da caracterização do <i>corpus</i> e do procedimento de análise.....	47
4 LEITURA E INTERPRETAÇÃO DE MEME NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: ENTRE A EVIDÊNCIA E A OPACIDADE DE SENTIDOS.....	51
4.1 Movimento de análise 1: o humor como pré-construído do meme	51
4.2 Movimento de análise 2: gestos de interpretação, memória e interdiscurso no texto imagético	55
4.3 Movimento de análise 3: texto verbal e produção de sentidos.....	59
4.4 Movimento de análise 4: circulação de sentido de/sobre a política e o político no Brasil.....	63
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	67
REFERÊNCIAS.....	69

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A chegada do século XXI trouxe consigo grande expectativa de um novo tempo. Marcado pelo auge do chamado “avanço tecnológico”, esse novo tempo seria capaz de concorrer para uma vida sem contrariedades. Na contemporaneidade, a tecnologia toma a forma do digital. O discurso da transformação tecnológica, produzido ideologicamente, dá a impressão de que vivemos a era da conectividade. O crescimento da *Internet* tem, de certo modo, influenciado diretamente a dinâmica das relações entre as pessoas. Nesta esteira, as redes sociais têm sido espaço de circulação, formulação e constituição de sentidos.

Esse espaço encontra-se permeado por diversos textos formados em processos de hiperligações. Dentre os textos que circulam no digital, o meme tem ganhado destaque por sua expressiva aceitação. Caracterizado por uma linguagem multimodal, multissemiótica e pela replicação, que se dá pelo compartilhamento, principalmente, entre os usuários das redes sociais, o texto memético, geralmente, apresenta traços de humor, crítica, informação, divulgação e uma gama de sentidos e não sentidos.

Tomar o digital como objeto de análise é enfrentá-lo como uma condição de produção político-ideológica do discurso. O meme, como recorte do discurso digital, configura-se, desse modo, como um campo de questões indispensável ao fazer científico, especialmente, às ciências da linguagem. A euforia da era digital traz como desdobramento o que DIAS (2018, p. 26) chamou de “utopia tecnológica”. Essa utopia resulta no apagamento tanto do político quanto do ideológico dos processos de significação da tecnologia, resultando na pouca percepção de que ela é também um dispositivo de poder.

O discurso digital tem suas especificidades. A partir desse discurso, o sujeito assume posições na sociedade e se inscreve em certas formações discursivas. Desse modo, problematizar as formas de ler, interpretar e conduzir o sujeito à reflexão sobre o que produz ou ouve pode promover o pensamento crítico, entendendo que a linguagem nos permeia e não é transparente. Nela, não há neutralidade.

Nessa perspectiva, propomos, nesta pesquisa, uma abordagem pautada em formulações teórico-analíticas a partir da filiação à Análise de Discurso. Com base nisso, questionamos como os alunos participantes da pesquisa leem o texto meme

sem perder de vista o verbal e o imagético. Ressaltamos que não há pretensão em cristalizar sentidos, mas, a partir de recortes de formulações, apontar para um possível funcionamento do discurso nos materiais analisados.

Para Orlandi (2020, p. 8), a Análise de Discurso nos coloca num estado de reflexão e permite-nos uma relação menos ingênua com a linguagem, sem que incorramos na ilusão da consciência de tudo. Somos permeados pelo simbólico, pelo sentido e pelo político. A Análise de Discurso não pensa a língua como um sistema abstrato, mas, no mundo, com homens falando, considerando a produção de sentido.

A presente pesquisa está estruturada em 3 capítulos, além das considerações iniciais e finais. No capítulo 2, a fim de delinear as bases teórico-analíticas que fundamentam este trabalho, apresentamos a rede conceitual da Análise de Discurso de linha francesa. Traçamos um panorama sobre o surgimento da teoria e seus principais pressupostos. Discorremos sobre as noções de leitura, interpretação, ensino, texto, discurso, discurso digital e meme à luz da Análise de Discurso.

No capítulo 3, apresentamos o percurso metodológico da pesquisa. Inicialmente, ponderamos algumas questões acerca do Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional – PROFLETRAS. Na sequência, caracterizamos a pesquisa, a escola e a turma colaboradora. Nesse capítulo, apresentamos também um recorte da intervenção pedagógica: expomos o caderno didático por nós elaborado como subsídio para o desenvolvimento da pesquisa, bem como a caracterização do *corpus* e o procedimento de análise.

No capítulo 4, apresentamos as análises das formulações dos alunos a partir de um recorte feito nas questões do caderno didático. Essas análises apresentam-se em 4 momentos, os quais chamamos de Movimento de análise 1: o humor como pré-construído do meme; Movimento de análise 2: gestos de interpretação, memória e interdiscurso no texto imagético; Movimento de análise 3: texto verbal e produção de sentidos no meme; Movimento de análise 4: circulação de sentido de/sobre a política e o político no Brasil.

2 TEXTO, INTERPRETAÇÃO E ANÁLISE DE DISCURSO NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Num movimento semelhante ao dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) assumiu como proposta de competências e habilidades para a disciplina Língua Portuguesa (LP) uma perspectiva enunciativo-discursiva da linguagem.

Em relação ao ensino de LP, os documentos parametrizadores brasileiros têm uma concepção de linguagem como forma de interação. Desse modo, estão ancorados, em tese, nos postulados bakhtinianos. Não obstante a isso, acreditamos que, dentre as diferentes teorias do discurso, a Análise de Discurso de linha francesa apresenta princípios teórico-metodológicos possíveis e necessários ao trabalho com a LP em sala de aula.

2.1 A Análise de Discurso de linha francesa

A Análise de Discurso de linha francesa, doravante AD, surgiu na década de 60 do século passado a partir das contribuições de Michel Pêcheux. Colocando algumas questões à Linguística, ao Marxismo e à Psicanálise, a AD resulta da relação entre esses domínios disciplinares.

A Linguística moderna afirma que não há transparência na linguagem e que a língua, seu objeto de estudo, tem sua especificidade. Este pressuposto interessa à AD, pois indica que não há uma relação equivalente entre linguagem, pensamento e mundo. O materialismo histórico também interessa à AD, visto que reconhece que o homem faz história e esta reclama sentido. A língua, nos estudos discursivos, é compreendida não só como uma estrutura, mas, principalmente, como um acontecimento. Assim, sua forma material, que não é abstrata como na Linguística, reúne estrutura e acontecimento em um sujeito que é afetado pela história. Este é o aporte da Psicanálise para a AD.

Segundo Orlandi (2020, p. 17),

A Linguística constitui-se pela afirmação da não-transparência da linguagem: ela tem seu objeto próprio, a língua, e esta tem sua ordem própria. Esta afirmação é fundamental para a Análise de Discurso, que procura mostrar que a relação linguagem/pensamento/mundo não é unívoca, não é uma relação direta que se faz termo-a-termo, isto é, não se passa diretamente de um a outro. Cada um tem sua especificidade.

Para a AD, a língua é relativamente autônoma. Assim, a noção de sujeito e situação importam, uma vez que o sujeito tanto é afetado pelo real da língua quanto pelo real da história, não lhe sendo uma nem outra transparente. As palavras carregam sentidos que significam no sujeito, ainda que não se saiba como foram constituídos.

2.2 Princípios teórico-analíticos da AD

Este trabalho mobiliza alguns princípios teórico-analíticos fundamentais para a AD. Dessa forma, importa apresentar aqui a noção de: a) discurso; b) ideologia; c) interdiscurso ou memória discursiva; d) intradiscurso e e) opacidade.

A teoria da comunicação trabalha com a ideia de mensagem (informação). Segundo o esquema elementar da comunicação, um emissor emite uma mensagem a um receptor. Essa mensagem é formulada num código, com base num referente. No funcionamento da linguagem, sujeitos e sentidos, afetados pela língua e pela história, são postos em relação. O que se observa é um complexo processo de constituição desses sujeitos e desses sentidos e não apenas a troca de informações.

Assim, a AD propõe pensar não em mensagem, mas em discurso. Para essa teoria, a linguagem serve para comunicar e também para não comunicar. Dito de outro modo, as relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos, cujos efeitos são diversos.

A noção de **discurso** é fundamental para a AD. Segundo Orlandi (2020, p. 20), “o discurso é efeito de sentidos entre locutores”. Ele tem sua regularidade e não se opõe ao social e ao histórico. O recorte teórico feito pela AD relaciona língua e discurso. Nessa perspectiva, o discurso é também constituído por condicionantes linguísticos e determinações históricas e a língua não é compreendida como um sistema fechado. Ela apresenta equívocos e falhas. A língua é, dessa forma, a condição de realização do discurso. No entanto, não há uma separação estável entre língua e discurso.

De acordo com Orlandi (2022, p. 13), os processos de produção do discurso perpassam por três momentos fundamentais:

1. Sua constituição, a partir da memória do dizer, fazendo intervir o contexto histórico-ideológico mais amplo;
2. Sua formulação, em condições de produção e circunstâncias de enunciação específicas e

3. Sua circulação que se dá em certa conjuntura e segundo certas condições.

Para que as palavras tenham sentido é preciso que já tenham sentido. Dito de outro modo, quando dizemos, mobilizamos um conjunto de dizeres já ditos antes. Essa é a noção de **interdiscurso** ou **memória discursiva**, que se estrutura pelo esquecimento. Filiamo-nos aos sentidos pelos gestos de interpretação, na relação entre a língua e a história. Nessa relação, trabalham a ideologia (produção de evidência) e o inconsciente. Assim, há no dizer um real que não se ensina, mas existe produzindo efeitos.

Entender que há um já-dito no qual toda a possibilidade de dizer se ancora é fundamental para a compreensão do funcionamento do discurso, bem como da sua relação com o sujeito e com a ideologia. Há, assim, um relação entre o interdiscurso (já-dito) e o **intradiscurso** (o que se está dizendo).

Desse modo, há uma relação entre a constituição de sentido (interdiscurso) e sua formulação (intradiscurso). Orlandi (2020, p. 31) afirma que

A constituição determina a formulação, pois só podemos dizer (formular) se nos colocamos na perspectiva do dizível (interdiscurso, memória). Todo dizer, na realidade, se encontra na confluência dos dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação). E é desse jogo que tiram seus sentidos.

Como dito anteriormente, no funcionamento da linguagem, há um complexo processo de constituição de sujeitos e produção de sentidos com efeitos múltiplos e variados. A noção de sentido nos impõe a interpretação. Só há sentido porque interpretamos. Diante de um objeto simbólico, somos levados a interpretar. A interpretação apresenta-se, assim, como uma evidência, como se ela sempre estivesse ali.

Dessa forma, a colocamos num campo de neutralidade. Esse procedimento atesta a presença da ideologia na constituição do sujeito e dos sentidos. A ideologia coloca o homem numa relação imaginária com suas condições de existência.

A **ideologia**, assim, consiste no apagamento da interpretação para a construção de transparências e produção de evidências. Ela está presente na constituição do próprio sujeito. Nessa perspectiva é que se destaca a importância de uma teoria materialista do discurso para se refletir acerca do efeito da evidência tanto nos sujeitos quanto nos sentidos.

Dessa forma, há também uma evidência do sujeito, como se ele sempre tivesse sido assim. Nega-se, portanto, a interpelação do indivíduo pela ideologia. O esquecimento, que faz surgir as evidências, resulta numa percepção na qual a subordinação-assujeitamento se apresenta sob a forma de autonomia. Assim, a determinação do real é diluída.

Para a AD, a ideologia é uma “relação necessária entre linguagem e mundo” (ORLANDI, 2020, p. 45). Para que haja sentido, é necessário que a língua esteja inscrita na história, resultando na chamada discursividade, ou seja, no modo como, no discurso, a ideologia produz seus efeitos e materializa-se nele. Assim, o sentido surge da relação do sujeito com a história, sendo essa relação afetada pela língua. Nessa perspectiva, ideologia e inconsciente estão materialmente ligados pela língua.

A ideologia produz a evidência. Todavia, há sempre um deslize, uma incompletude. Sujeitos e sentidos não são completos. Não há transparência. Dessa forma, sempre intervêm o imaginário e a **opacidade**, o equívoco, a diferença e a polissemia nos processos discursivos, visto que, como afirma Pêcheux (2015, p. 19), todo discurso, enquanto acontecimento, é “ao mesmo tempo perfeitamente transparente e profundamente opaco”.

2.3 Interpretação e AD

Diante de um objeto somos instados a interpretar. Não há como fugir da interpretação. Frente a qualquer objeto simbólico, o sujeito não pode não interpretar. A noção de interpretação passa por evidente (transparente), mas, de acordo com cada teoria e seus diferentes métodos, haverá para ela um sentido diferente.

Nas palavras de Orlandi (2022, p. 26), há “uma injunção à interpretação”. Na interpretação, há um apagamento da construção discursiva do referente e o sentido é reduzido a um conteúdo. Essa redução faz parte de uma ilusão referencial, é efeito da evidência, pois não há sentido, mas sim funcionamento da linguagem, gestos de interpretação.

Dessa forma, o sujeito é a interpretação, pois, quando faz significar, ele também significa e está submetido a ideologia. A ideologia resulta, como vimos, da impressão do sentido literal, apagamento da materialidade da história da linguagem. Para Orlandi (2022, p. 26), o sujeito, no funcionamento da linguagem:

é constituído por gestos de interpretação que concernem sua posição. O sujeito é a interpretação. Fazendo significar, ele significa. É pela interpretação

que o sujeito se submete à ideologia, ao efeito da literalidade, à ilusão do conteúdo, à construção da evidência dos sentidos, à impressão do sentido já-lá. A ideologia se caracteriza assim pela fixação de um conteúdo, pela impressão do sentido literal, pelo apagamento da materialidade da linguagem e da história, pela estruturação ideológica da subjetividade.

A AD teoriza a interpretação à medida que trabalha o efeito ideológico e coloca um conjunto de questões em relação à significação e à história. A noção de interpretação para a AD, segundo Orlandi (2022, p. 23), passa por três pressupostos: “a. não há sentido sem interpretação; b. a interpretação está presente em dois níveis: o de quem fala e o de quem analisa, e c. a finalidade do analista do discurso não é interpretar, mas compreender como um texto funciona”.

As diferentes linguagens significam de maneiras distintas. Assim, distintos gestos de interpretação constituem a relação com os sentidos. Uma das características do processo de significação é a incompletude. Para a AD, a incompletude é o lugar do possível na linguagem.

Dessa forma, a questão da “abertura do simbólico”, no campo das ciências humanas e sociais, tem como consequência a dispersão. Na AD, a dispersão e a incompletude encontram-se no limite entre a paráfrase e a polissemia, num movimento em que a significação localiza-se entre a repetição e a diferença.

Pensar que o processo de significação é aberto não resulta em dizê-lo não regido, determinado. Para que haja sentido, a língua se inscreve na história. A discursividade, dessa forma, é “a inscrição dos efeitos da língua na história” (ORLANDI, 2022, p. 24).

A interpretação é, nesse sentido, regulada por suas condições e não é mera decodificação. Nas palavras de Orlandi, (2020, p. 45), a interpretação

é ‘garantida’ pela memória, sob dois aspectos: a. a memória institucionalizada (o arquivo), o trabalho social da interpretação onde se separa quem tem e quem não tem direito a ela; b. a memória constitutiva (o interdiscurso), o trabalho histórico da constituição do sentido (o dizível, o interpelável, o saber discursivo. O gesto de interpretação se faz entre a memória institucional (o arquivo) e os efeitos de memória (interdiscurso), podendo assim tanto estabilizar como deslocar sentidos. Ser determinada não significa ser (necessariamente) imóvel.

Não há uma correspondência direta entre linguagem, mundo e pensamento. Dessa forma, a transparência da linguagem seria mera ilusão, assim como seria também a dos sentidos e dos sujeitos. Ambos têm sua materialidade, concorrendo conjuntamente língua, história e ideologia.

A AD, como afirma Orlandi (2020, p. 57), “não procura o sentido ‘verdadeiro’, mas real do sentido em sua materialidade linguística e histórica”. Assim, não há sentido literal, mas transferências e jogos simbólicos, o que faz com que uma palavra, na mesma língua, apresente uma pluralidade de significados, determinados pela posição do sujeito e do que ele diz numa formação discursiva.

Nesse sentido, o analista de discurso deve ser capaz de, pela sua análise, tornar explícito o dito em relação ao não dito, procurando ouvir no que o sujeito diz aquilo que ele não diz.

2.4 A leitura à luz da AD

O saber discursivo, segundo a AD, não se aprende. Para ela, há filiações de sentidos as quais estamos sujeitos e sobre as quais não temos controle. No entanto, em termos teóricos e analíticos, é possível estabelecer uma relação entre o discurso, o seu funcionamento e os processos de constituição de sentidos. Dessa forma, é possível apreender os gestos de interpretação que constituem os discursos e pensar nas possibilidades de leitura.

Enquanto sujeitos, filiamo-nos a redes de sentidos nos quais atuam a ideologia e o inconsciente. Há, portanto, um real que não é unívoco. É justamente esse real que a AD tem o objetivo de compreender. Assim, propõe outras práticas de leitura, considerando esses efeitos e buscando explicitar a relação discursiva neles presentes. Neste sentido, Orlandi (2022, p. 62) diz que:

O princípio dessas práticas de leitura consistiria em levar em conta a relação do que é dito em um discurso e o que é dito em outro, o que é dito de um modo e o que é dito de outro, procurando ‘escutar’ a presença do não-dito no que é dito: presença produzida por uma ausência necessária.

A AD trabalha no espaço entre o que é estabilizado e o equívoco. Nesta esteira, a própria língua funciona ideologicamente. Assim, a falha tem, no jogo linguístico, o seu lugar. Para Pêcheux (1982 apud ORLANDI, 2022, p. 64): “todo enunciado é linguisticamente descritível como pontos de deriva possível oferecendo lugar à interpretação”. Todo enunciado é possível de tornar-se outro. Esse é o lugar da interpretação.

A leitura, na perspectiva da AD, é, desse modo, “um trabalho simbólico no espaço aberto de significação que aparece quando há textualização dos discursos”

(ORLANDI, 2022, p. 73). Assim, muitas são as possibilidades de leitura e formulações num mesmo sítio de significação.

2.4.1 Leitura e ensino

Como vimos, os sentidos não se aprendem, mas constituem-se em redes de memória por filiação. A relação entre os processos de ensino e aprendizagem com a chamada memória discursiva impõe-se quando se trabalha com análise de discurso. Quando o objetivo é ensinar leitura, “sua aprendizagem deve fazer funcionar a inscrição do sujeito nas redes de significantes” (ORLANDI, 2022, p. 63).

No campo da leitura, a função-autor tem seu correspondente no efeito-leitor: pelo mecanismo da antecipação, o sujeito-autor antecipa o que o outro espera. Esse jogo se dá na materialidade do texto.

O sujeito-leitor, enquanto intérprete, constitui-se na relação com a linguagem e submete-se à textualidade. A materialidade textual apresenta uma efeito-leitor produzido por gestos de interpretação de quem o produziu, pela formulação (resistência) e pela memória do sujeito que lê. Para Orlandi (2022, p. 66):

Uma das maneiras de se compreender a interpretação é observar a relação do sujeito-autor com a textualização do discurso. Explicitar os mecanismos de produção de sentidos inscritos no texto é uma maneira de tornar visível o modo como a exterioridade (sujeito, história) está presente nele, é trabalhar sua historicidade.

A leitura será a aferição da textualidade entre outras possíveis. Ela deve ser concebida como um trabalho simbólico, pautado na variação. Essa variação é, para a AD, a ideia de que todo texto apresenta pontos de deriva, indicando diferentes possibilidades e formulações.

Os diferentes discursos demandam diferentes modos de interpretação. Dito de outro modo, há um já dito anterior a qualquer dizer: o interdiscurso. Como o sentido pode ser sempre outro – no meio de outro? –, a leitura, para a AD, aparece como um trabalho simbólico, não há início nem fim delimitados. No que se refere ao ensino de leitura, é preciso criar condições para que o aprendiz aumente a sua capacidade de compreensão.

Desse modo, uma proposta de ensino de leitura ancorada nos fundamentos da AD sustenta-se numa percepção de leitura como espaço aberto à significação. Para se ensinar leitura é preciso dar condições para que o leitor acesse aquilo que ele não

sabe. Nesse sentido, a leitura deve ser compreendida como uma construção na qual se coloca em relação ao discurso e o texto.

2.5 Texto e discurso

A AD trabalha a relação da língua com a sua exterioridade. Ao contrário da análise de conteúdo, não visa dizer o *que* o texto quer dizer, mas sim *como* um texto funciona. Para ela, não há um sentido escondido no texto. Este é resultante do funcionamento da linguagem, da materialidade do próprio texto e de sua historicidade. Enquanto disciplina, a AD apresenta uma teoria que questiona a interpretação e trabalha com a opacidade do texto, considerando o político, o ideológico, o simbólico: a língua inscrita na história, nela significando. Dessa forma, põe em relação, na linguagem, o que é estável e o que é equívoco. Segundo Orlandi (2022, p. 25),

A análise de discurso ocupa assim esse lugar em que se reconhece a impossibilidade de um acesso direto ao sentido e que tem como característica considerar a interpretação como objeto de reflexão. Ela se apresenta como uma teoria da interpretação no sentido forte. Isto significa que a análise de discurso coloca a questão da interpretação, ou melhor, a interpretação é posta em questão pela análise de discurso.

A Análise do Discurso, assim, interroga a interpretação, pois trata os sentidos como uma questão aberta. Para esta filiação teórica não há sentido em si. O que há é uma ilusão de um sentido fechado. A relação entre discurso e texto não é dada. Na divisão social do trabalho da leitura há modos institucionais que estabelecem quem tem e quem não tem direito a interpretação.

Orlandi (2022, p. 68), afirma que

Esta elaboração contínua da relação texto/discurso pode ser observada na maneira como, nos vestígios da textualização, o sujeito de “âncora”, se “engata”, em um e não outro discurso, em um e não outro sentido. Isso certamente vai resultar em diferentes leituras. Por isso, quando digo que o texto é heterogêneo, estou dizendo que ele é afetado de muitas e variadas maneiras pela discursividade.

As várias leituras possíveis de um texto resultam do equívoco, da falha. Há uma distância entre o discurso e a sua textualização. Esse é o espaço da interpretação. É nesse espaço que os sentidos se movem. E isso não ocorre ao acaso, mas resulta da construção do efeito-leitor: pela memória de quem lê e de quem escreve, pela posição do autor e do leitor por ele idealizado e também pela memória do leitor empírico.

Desse entremeio, resulta as diferentes possibilidades de leitura, por diferentes gestos de interpretação. Isso implica dizer que não há linguagem sem interpretação. Logo, que não há linguagem sem ideologia. Nessa perspectiva, a leitura pode ser compreendida a partir da textualização do político na língua e no dizer.

No âmbito da AD, o texto pode ser definido como “unidade de sentido em relação à situação discursiva” (ORLANDI, 2022, p. 75). Dito de outro modo, ele é entendido como a manifestação material do discurso, lugar no qual observa-se os efeitos da inscrição da língua e da história. Enquanto unidade de análise, o texto organiza a significação em um espaço delimitado. Ele mostra como o sujeito está posto, em que condições está praticando a relação do mundo como simbólico.

O texto é a unidade empírica de análise que o leitor tem diante de si. Essa unidade se faz de som, letra e imagem e tem uma extensão, que é imaginária, com começo, meio e fim. Para a AD, no entanto, essa unidade não está fechada nela mesma. Ao contrário, abre-se, enquanto objeto simbólico para diferentes possibilidades de leitura.

Nesse sentido, a AD valoriza a noção de prática discursiva, pois entende que o discurso é uma prática, uma ação transformadora, mediação necessária entre o homem e a sua realidade. A partir dessa orientação, é possível refletir sobre os diferentes processos de produção de sentido, uma vez que, filiados à AD, propomos um trabalho não com textos em si, mas com práticas discursivas, sejam elas verbais ou não.

2.5.1 Texto verbal e texto não verbal

Há, tanto na mídia quanto na produção científica, uma sobredeterminação do verbal, um efeito ideológico de que o verbal é transparente, estável. Portanto, uma ilusão da literalidade.

Essa ilusão, por seu turno, resulta na ideia de linguagem como produção de informação. A mídia contribui para a estabilização do verbal à medida que reitera a linguagem como informação. Ela acentua a ideia de que os meios de comunicação servem para informar. Sob a ilusão da legibilidade e estabilidade do verbal, as demais linguagens reduzem-se a este processo.

Além da mídia, a produção científica de instrumentos da relação do falante com a língua, como dicionários e gramáticas, contribui para que o verbal seja considerado

onipresente. Esses instrumentos criam um efeito de evidência na linguagem verbal. O paradigma de produção do conhecimento decorrente do verbal está presente até mesmo no modelo de relação com as outras linguagens. Para M. Pêcheux (2015, p. 33), “são procedimentos para se administrar a interpretação”.

Assim, ainda que os modos de significação sejam diferentes (condições de produção, materialidades), são interpretados pelos mesmos procedimentos da significação verbal. O verbal, para finalizar, ocupa o centro, o neutro, o natural. Esse processo decorre, nas palavras de Orlandi (1995, p. 45), da “ilusão do discurso cotidiano”. Essa ilusão resulta no pré-construído de que o imagético ilustra o verbal.

Todavia, a imagem não é um mero decalque do real. Pensando nisso, como as imagens, em si, significam? A imagem é feita de linguagem. Assim, não pode ser tratada como a representação de um acontecimento. É uma interpretação do mundo. Ela guarda traços que não estão visíveis nela e se abre ao que se pode fazê-la dizer via interpretação. Assim, quem a observa participa do processo de leitura a partir, também, de sua bagagem construída sócio historicamente. A imagem é um gesto de interpretação.

A imagem figurativa está presente e é bastante valorizada em nossa cultura. Muitas vezes, ela é reduzida a ilustrar o texto verbal que acompanha. No entanto, quando tomada em si, há uma memória institucionalizada *na* imagem e *pela* imagem. Desse modo, a imagem constitui, em si, um discurso.

A interpretação do texto imagético perpassa não só pela consideração de seus elementos plásticos e visuais, que atuam em simultaneamente, mas também pela possibilidade de interpretação da imagem histórica e ideologicamente determinadas.

Orlandi (1995, p. 42) aponta alguns “mecanismos mistificadores” que atuam na sobredeterminação do verbal na mídia. São eles:

1. O mito da informação.
2. O prestígio do científico, da ciência.
3. O modo de relação do falante com a mídia, numa formação social como a nossa que é dominada pela ideologia da interpretação verbal (mundo civilizado, letrado, ocidental, cristão).

O signo verbal, nas análises linguísticas em geral, é tratado sob a ilusão da literalidade. Essa ilusão traz como consequência pensar a linguagem como produção de informação. Os meios de comunicação, nesta perspectiva, “servem para informar”.

Ainda que a informação se apresente em linguagens distintas, há uma redução dos processos de significação por elas produzidos ao verbal. Assim, pelo verbal, a mídia ganha garantia de legibilidade e interpretação.

Em relação a linguagem verbal humana, a construção de objetos de seu conhecimento, que são também institucionalizados como instrumentos da relação do falante com a língua, contribui para a centralidade do verbal. No âmbito da linguagem verbal, a escrita é uma das mais fortes e determinantes das invenções.

Assim, os dicionários, as gramáticas e toda a produção científica desses instrumentos contribuem para a circulação do verbal como verdadeiro, uma representação inequívoca da língua, sustentada a estabilidade e na evidência da linguagem verbal.

A relação do falante com a língua é também um mecanismo de mistificação do efeito de certeza produzido pelo verbal. O homem, enquanto ser histórico, é, em qualquer situação, instado à interpretar. E, quando o faz, apaga-se para ele as condições que o levaram à interpretação. Assim, sujeito e sentido surgem e, num efeito causado pela ideologia, imprime-se no sujeito a ilusão de ser a origem, de estar sempre já-lá e, no sentido, o efeito da evidência, da realidade do pensamento, desconsiderando que há uma história de constituição tanto dos sujeitos quanto dos sentidos.

É por certo que, nessa história de constituição, os signos de diferentes natureza têm as suas especificidades. Todavia, numa sociedade como a nossa, que valoriza o código verbal, o modo como os sentidos das diferentes linguagens circula e toma por base o signo verbal. Dessa forma, as diferentes materialidades são interpretadas pelos mesmos procedimentos da significação verbal.

Acentuando a importância da noção de prática discursiva, a AD propõe aproximar, nas diferentes linguagens, “aquilo que constitui uma relação produtiva na semelhança entre elas, e distinguir o que é lugar de particularidade irreduzível e de diferenças constitutivas da especificidade dessas linguagens” (ORLANDI, 1995, p. 46).

O discurso não é uma sequência de frases, textos ou representações. É uma prática, dito de outro modo, o discurso é a mediação entre o homem e sua realidade. A AD reconhece a função (imaginária) do verbal na interpretação das outras linguagens, mas, pela noção de prática discursiva, busca compreender os processos específicos de significação.

2.6 O discurso digital e o texto meme

O discurso da inovação tecnológica recebeu bastante destaque na passagem do século XX para o século XXI trazendo grande expectativa de uma nova era. A cultura cibernética tem ganhado proporções cada vez maiores nos últimos anos. Nesse sentido, o crescimento da *Internet* tem influenciado diretamente a dinâmica das relações sociais, dando-nos a impressão de que vivemos a era da conexão.

A noção de tecnologia significa distintamente as práticas e os modos de vida dos sujeitos em cada época. Todavia, esquecemos que outras sociedades tecnológicas, em outros tempos, foram constituídas. Assim, interpelados pela ideologia, acreditamos na transparência do sentido do digital e o tomamos como a única forma de tecnologia.

De fato, o digital não é o único sentido da tecnologia. No entanto, há nele um sentido específico que o coloca como um campo de questões necessário ao fazer científico, inclusive, ao campo da linguagem.

O discurso da tecnologia tem sua materialidade. Esta coloca o sentido em relação com a memória, o sujeito e as condições de produção. Dias (2018, p. 40) aponta que

[...] os objetos digitais, como os smartphones, para citar apenas um exemplo mais corriqueiro, não significam apenas por aquilo que eles podem fazer empírica e pragmaticamente, como um dispositivo digital, mas pelos discursos que os significam como objetos de inclusão, status (dependendo do smartphone), em processos sociais numa sociedade dividida.

Desse modo, o sentido da tecnologia é também efeito da forma como ela é significada nas relações sociais, numa determinada formação social. Nessa perspectiva, a tecnologia é também instrumento de poder e de dominação.

As fronteiras que delineiam a dinâmica da vida social contemporânea não se restringem apenas às noções espaciais ou temporais. Os encontros físicos, quando ocorrem, por exemplo, são antecidos por trocas de mensagens em redes sociais que se estendem para além desses encontros. Como afirma Dias (2018, p. 126), “isso é, sem dúvida, uma questão tecnológica, mas, sobretudo, política”.

As redes sociais, dessa forma, tem sido espaço para constante circulação de sentidos e está permeada de textos diversos. Dentre os textos que circulam no digital está o meme, que, inscritos em determinada formação ideológica, representa um recorte social, cultural e político na/pela *Internet*.

Embora seja um texto com notoriedade relativamente recente, o termo meme foi cunhado pela primeira vez em 1976, por Richard Dawkins, biólogo evolucionista britânico, como equivalente comportamental do gene. O organismo, na concepção de Dawkins, é uma “máquina de sobrevivência” do gene. Nessa perspectiva, a evolução se dá pelo próprio gene e não pelo indivíduo. Sugerindo aplicação do princípio da seleção natural a campos além da biologia, postula que as informações são transmitidas através das gerações não apenas pelo gene, mas também pelas ideias. Assim, a cultura humana é um replicador.

Nesta esteira, a palavra meme, tomada da raiz grega *mimeme*, surge como uma ideia de transmissão cultural, imitação (Dawkins, 2015, p. 330). Estabelecendo uma analogia com gene, meme seria uma unidade de transmissão pautada na imitação, hábitos e costumes dentro de uma comunidade cultural. Nessa perspectiva, ideias, tendências, músicas, vestuário e tudo o que se replica de “cérebro para cérebro” são exemplos de meme.

A concepção de Dawkins aborda três diferentes propriedades ontológicas do meme, o que seria dizer como as ideias repercutem entre as pessoas: a) pela fidelidade, que é a capacidade de replicação de forma idêntica, b) pela fecundidade, capacidade de gerar múltiplas réplicas e c) pela longevidade, que é a capacidade de duração no tempo. Essa proposição não considera, de modo mais apurado, que mensagem nem por qual razão é replicada.

Numa analogia à genética, o termo memética aparece pela primeira vez nos textos de Arel Lucas, em 1980, para designar o campo de estudos dos memes (CHAGAS, 2020, p. 24). Ligada à concepção de Dawkins, o meme é entendido como gene da cultura. É importante destacar que, nesse contexto, a memética ainda não está voltada para a abordagem da criação e compartilhamento de conteúdo por ferramentas sociais *on-line*.

Até chegar na acepção atual, a terminologia meme passou por diversos processos de reapropriação. Segundo Chagas, é difícil apontar um momento preciso quando os conteúdos que circulam na *Internet* passaram a ser chamados de meme, mas, é sabido que, em algum momento dos anos 1990, tornou-se comum chamar piadas e outras formas virais on-line de meme (CHAGAS, 2020, p. 32).

Já nos anos 2000, o meme passou a ser considerado como uma nova forma de letramento social. No âmbito educacional, Knobel e Lankshear (2020, p. 92)

definem o meme como uma “ideia articular, apresentada como um texto escrito, imagem, ‘movimento’ de linguagem, ou alguma outra unidade de ‘material’ cultural”.

Na última década, uma nova geração tem se dedicado às pesquisas de uma forma mais específica, orientada pelas análises dos memes de *Internet*, buscando observar o papel social desempenhado por textos dessa natureza.

Não obstante a imprecisão conceitual, há um consenso entre os estudiosos da memética na compreensão de que “os memes de internet formulam discursos e constituem espaços de afinidade a partir de experiências trocadas on-line” (CHAGAS, 2020, p. 35).

Com ampla circulação no digital, o meme é, atualmente, compreendido como uma "unidade" propagada ou transmitida através da repetição e da imitação, de usuário para usuário ou de grupo para grupo. O meme, nesse sentido, é um texto que se replica facilmente entre usuários das redes sociais.

Desse modo, a formulação de discursos no/do meme faz desse texto um campo interessante de questões que merecem ser exploradas, principalmente, quando se pretende que os alunos alcancem uma instância de leitura menos ingênua e, por conseguinte, mais crítica.

A AD, nesse sentido, pode oferecer pressupostos teórico-analíticos capazes de fundamentar a necessária reflexão sobre a linguagem, sobre o discurso digital, especialmente, aqueles formulado no/para o meme, visto que pode proporcionar a análise dos efeitos desse discurso na constituição do pensamento e na formação social do sujeito contemporâneo.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

Neste capítulo, delineamos a trajetória da nossa pesquisa, buscando apresentar aspectos de sua constituição e desenvolvimento. Assim, apresentamos considerações sobre o Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional, caracterizamos a pesquisa, bem como a escola e a turma colaboradora. Apresentamos também um recorte da intervenção pedagógica, como o caderno didático elaborado para a execução das atividades em sala de aula, além da constituição do corpus e do procedimento de análise.

3.1 À respeito do PROFLETRAS

O Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional – PROFLETRAS – é uma das ações da Comissão de Aperfeiçoamento Pessoal – CAPES – para formação continuada *stricto sensu* de professores de Língua Portuguesa do ensino fundamental de escolas públicas do País.

Desde a sua criação, em 2013, o programa já formou cerca de 4 mil mestres. Presente em 19 estados do Brasil, o mestrado é ofertado em 42 instituições públicas, em 49 unidades. Voltado para a formação continuada de professores de Língua Portuguesa atuantes em sala de aula, o curso tem contribuído para a melhoria do ensino de língua portuguesa e, por conseguinte, para a melhoria da educação no País.

Com sede na Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, o programa conta como já mencionado, com a participação de Instituições de Ensino Superior, através da Universidade Aberta do Brasil – UAB. Atualmente, o PROFLETRAS está sob a coordenação nacional da Professora Doutora Maria da Penha Casado Alves.

Um dos principais objetivos do Programa é promover o aprimoramento do ensino de língua portuguesa no Ensino Fundamental II para que os alunos tornem-se proficientes nas habilidades de leitura e de escrita. Assim, o PROFLETRAS qualifica professores para que aprofundem seus conhecimentos linguísticos a partir da reflexão sobre os diferentes usos da linguagem. É também objetivo do Programa que professores produzam materiais didáticos capazes de contribuir para o desenvolvimento de competências comunicativas dos alunos.

Desse modo, o PROFLETRAS é de fundamental importância, pois é uma política efetiva de formação continuada que proporciona ao professor-pesquisador a transformação do seu olhar em relação ao ensino e à língua que, por conseguinte, é também a transformação de sua prática docente.

3.2 Caracterização da Pesquisa

Com fundamento no art. 7º, parágrafo 3º, da Portaria Normativa N. 17/2009, da CAPES, o conselho gestor do programa aponta as diretrizes básicas para a pesquisa

do trabalho final do ProfLetras, sugerindo que a natureza da pesquisa seja interpretativa e interventiva.

As Pesquisas de Natureza Interventiva (PNI) – também chamadas pesquisas de intervenção, são aquelas que integram, simultaneamente, processos de investigação e desenvolvimento de ações. Assim, compreendem modalidades de pesquisa caracterizadas pela articulação de procedimentos investigativos, ações e/ou processos interventivos.

Nesse sentido, podemos destacar a pesquisa-ação, que muito tem crescido no Brasil, principalmente, no âmbito da pesquisa educacional. Pelo seu viés metodológico, a pesquisa não deve se limitar a descrição e avaliação dos problemas escolares, mas, sobretudo, deve concentrar seus esforços na concepção de práticas educacionais capazes de promover transformações.

Para Thiollent (2011, p. 85),

Com a orientação metodológica da pesquisa-ação, os pesquisadores em educação estariam em condição de produzir informações e conhecimentos de uso mais efetivo, inclusive ao nível pedagógico. Tal orientação contribuiria para o esclarecimento das microssituações escolares e para a definição de objetivos de ação pedagógica e de transformações mais abrangentes.

Dessa forma, o principal aspecto não só da pesquisa-ação, mas das pesquisas de natureza interventiva, em geral, está em seu aspecto projetivo. Nesse modelo de pesquisa, pressupõe-se que o pesquisador tenha conhecimento prévio dos problemas que permeiam o espaço escolar e que mobilize esse conhecimento para a produção de determinados efeitos.

3.3 Caracterização da escola

A pesquisa foi realizada na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professora Bráulia Gurjão, localizada à Avenida Intendente Norberto Lima, nº 771, Centro, no município de Conceição do Araguaia, estado do Pará.

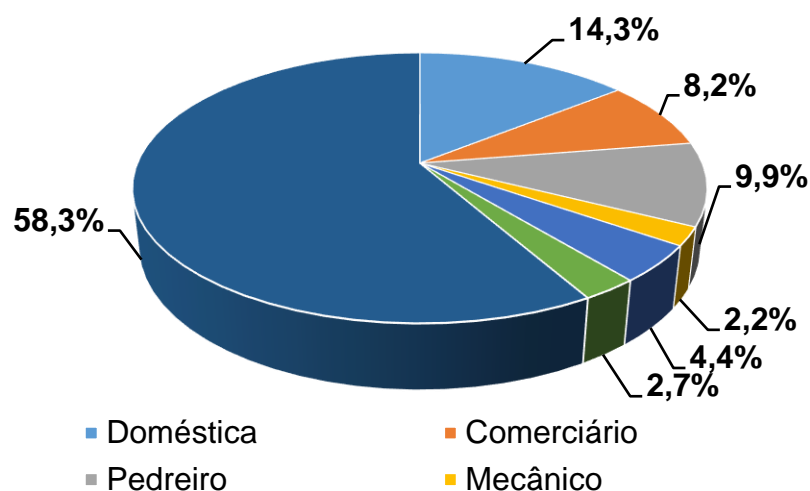
A Escola Bráulia Gurjão é uma unidade de ensino mantida pelo Governo do Estado do Pará, por meio da Secretaria Executiva de Educação – SEDUC/PA e oferta desde o 1º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio regular, além da modalidade Educação de Jovens e Adultos – EJA. Assim, quanto a faixa etária, a clientela atendida pela escola é bastante diversificada, pois conta com alunos de 6

anos de idade a alunos adultos, já inseridos no mercado de trabalho. No ano letivo de 2021, a escola atendeu cerca de 1020 alunos.

Apesar de estar localizada no centro da cidade, a Escola Bráulia Gurjão atende, principalmente, alunos residentes em bairros periféricos e provenientes de classe social menos favorecida. Dados levantados pela equipe gestora e registrados no Projeto Político Pedagógico – PPP – da escola apontam que as famílias residem em casas com até 7 pessoas, aproximadamente, e têm renda de 2 salários mínimos, em média.

Como mencionado, a escola atende muitos alunos já inseridos no mercado de trabalho, na maioria das vezes, em atividades informais ou com pouco prestígio social, como demonstra o gráfico abaixo.

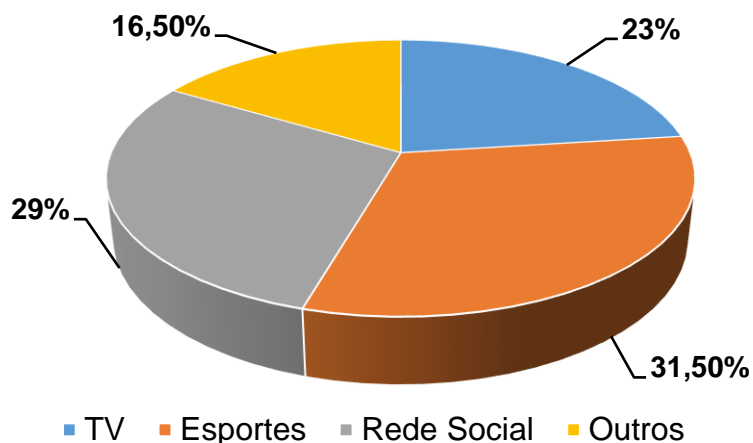
Gráfico 1 - Perfil profissional dos alunos trabalhadores



Fonte: autoria própria (com dados do PPP)

O PPP aponta também informações relevantes em relação a questão cultural dos alunos, principalmente aquelas relacionadas às atividades de entretenimento. Os dados mostram que a maioria dos estudantes tem a televisão como principal forma de distração. Muitos disseram usar rede social, mas poucos têm acesso à internet de melhor qualidade, fazendo uso de chips cadastrados em operadoras. Dessa forma, o acesso à internet torna-se limitado.

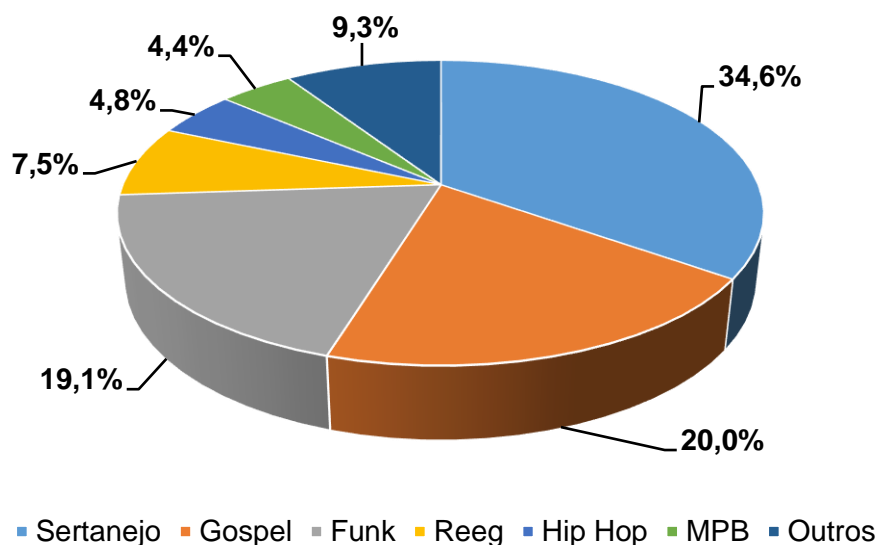
Gráfico 2 - Entretenimento dos alunos



Fonte: autoria própria (com dados do PPP)

Em relação a questão musical, a preferência da maioria dos alunos é a música sertaneja, o que demonstra a influência da cultura do centro-oeste na região.

Gráfico 3 - Gosto musical dos alunos



Fonte: autoria própria (com dados do PPP)

A Escola Bráulia Gurjão funciona nos horários matutino, vespertino e noturno. O prédio escolar conta com uma ampla, porém, mal conservada estrutura física. As salas de aula, por exemplo, são muito sujas, mal iluminadas e não têm sistemas de refrigeração. Essas condições, sem dúvida, tornam-se queixas de toda a comunidade escolar, especialmente, dos alunos e professores.

No decorrer da pesquisa, o poder público municipal retirou vários “pontos comerciais”, que estavam instalados na calçada da escola há décadas. Essa ação foi vista como positiva, uma vez que a presença desses estabelecimentos afetavam as atividades escolares. Todavia, nenhuma obra de recuperação do entorno nem do prédio fora iniciada. O quadro abaixo apresenta os espaços que compõe a estrutura física da escola.

Quadro 1 – estrutura física da escola

Ambiente	Quantidade
Sala de direção	01
Secretaria	01
Sala de orientação	01
Sala de professores	01
Sala de aula	22
Auditório	01
Laboratório de ciências	01
Laboratório de informática	01
Sala multifuncional	01
Biblioteca	01
Quadra coberta	01
Pátio coberto	02
Almoxarifado	02
Cozinha	01
Banheiro para servidores	02
Banheiro para alunos	08

Fonte: autoria própria (com dados do PPP)

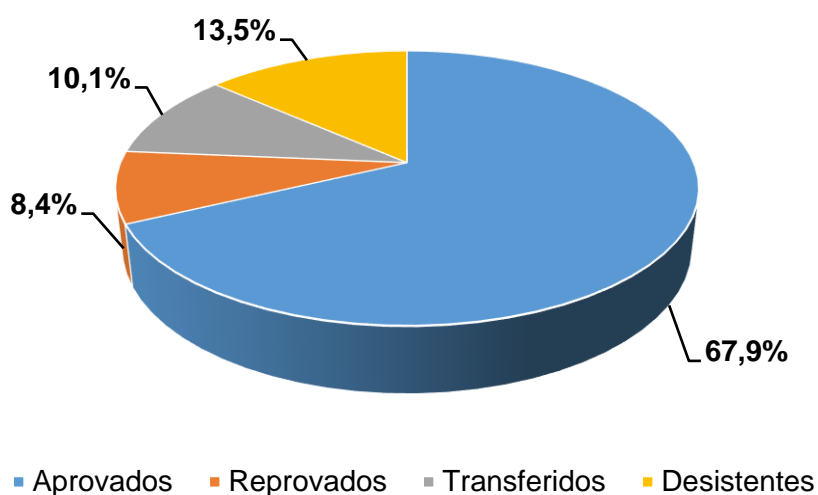
Não obstante a ampla estrutura física da escola, é importante ressaltar que a sua condição é precária, o que dificulta a realização das atividades pedagógicas, até mesmo as mais básicas, como uma aula expositiva, por exemplo. Apesar da escola apresentar laboratórios de informática, de ciência e multifuncional, estes encontram-se desativados por questões de diversas ordens.

A biblioteca encontra-se interditada desde 2019 por comprometimento do madeiramento do telhado, com risco de desabamento. Os banheiros da escola são inadequados para o uso. A precariedade desses espaços constitui um problema crônico que, muitas vezes, aliado a outros fatores, resulta no abandono e na evasão escolar.

Embora a educação seja um direito fundamental social garantido pela Constituição Federal de 1988 – CF, há um hiato entre o texto da lei e sua efetivação. Desde 2017, o número de alunos desistentes ou evadidos da Escola Bráulia Gurjão só aumenta. Com a pandemia, outros fatores, como a exclusão digital e o

desemprego, contribuíram para isso. Mesmo com a busca ativa, o problema tem sido persistente. O gráfico abaixo demonstra os indicadores de aprendizagem e aproveitamento da Escola no ano de 2019.

Gráfico 4 - Indicadores de aprendizagem e aproveitamento 2019



Fonte: autoria própria (com dados do PPP)

3.4 Turma colaboradora da pesquisa: questões sócio históricas e ideológicas

A turma colaboradora da pesquisa foi a F9M903, uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental. No início do ano letivo de 2022, a turma contava com 28 alunos matriculados, sendo um deles pessoa com deficiência. Ao longo do ano, alguns alunos foram remanejados, outros transferidos ou desistiram, razão pela qual o número de participantes da pesquisa foi de 23 alunos. É importante destacar que, no decorrer da pesquisa, alguns alunos faltaram. Dessa forma, nem todos participaram de todas as atividades propostas.

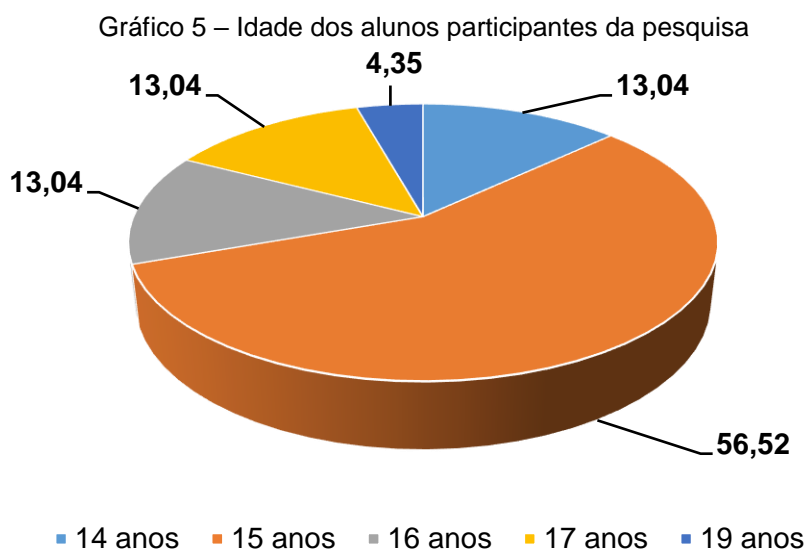
A turma é constituída, predominantemente, por adolescentes, com faixa etária entre 14 e 17 anos, sendo 12 do sexo masculino e 11 do sexo feminino, como demonstrado no quadro abaixo.

Quadro 2 – Idade/sexo dos alunos participantes

Idade	Sexo (masculino)	Sexo (feminino)
14 -15	07	08
16 - 17	05	02
18 - 19	00	01

Fonte: autoria própria

De acordo com a legislação brasileira, a idade escolar obrigatória está estabelecida dos 4 aos 17 anos. Assim, a idade adequada para um aluno cursar o 9º ano do ensino fundamental é a de 14 anos. Considerando essa previsão, pontua-se que a turma colaboradora da pesquisa apresenta um considerável indicador de distorção idade - série, visto que, na turma, apenas três alunos têm 14 anos de idade.



Fonte: autoria própria

A distorção idade-série é um fenômeno recorrente na educação brasileira e revela que é necessário não só garantir o acesso do aluno à escola, mas também a sua permanência. Esse fenômeno ocorre de forma cumulativa, estendendo-se ao longo de toda a jornada educacional de muitos estudantes brasileiros.

São vários os motivos que contribuem para a ocorrência da distorção idade-série. Na turma pesquisada, por exemplo, há alunos que moram na zona rural e, em decorrência disso, necessitam do transporte escolar para estarem presentes na escola. Muitas vezes, os alunos não frequentaram as aulas devido a problemas relacionados ao transporte, como ônibus quebrado, acidentes, alagamentos e até problema de gestão dos transportes. Alguns alunos da turma relataram que, em algum momento da vida, ficaram sem estudar devido à falta de escola, transporte ou até condições para se manterem na escola.

No dia-a-dia da sala de aula são inúmeros os relatos de alunos que compartilham, de alguma forma, as suas histórias de vida. Uma história que muito me chamou a atenção foi da aluna Maria. Ela relatou-me que, ainda criança, foi rejeitada pela mãe. Assim, foi morar com a avó. Depois de um certo tempo, a sua avó morreu.

A criança teve que morar com o tio. Na casa do tio, sofreu, todo tipo de humilhação por parte de sua tia, esposa do tio. Ainda criança, fazia todo o trabalho doméstico da casa e recebia tratamento distinto em relação aos primos.

Certo dia, a tia disse que Maria deveria escolher se queria morar com a mãe – que lhe dera para a avó ainda criancinha – ou se queria morar na “casa de passagem” do município. Maria escolheu morar com a mãe e me relatou que nunca conseguiu receber amor de sua genitora. Maria casou-se. Hoje, com 19 anos, está terminando o ensino fundamental.

Outro fator que contribui para a distorção idade-série é a reprovação. Muitos alunos entram na escola com a idade adequada, mas acabam reprovando e ficando para trás. A reprovação, muitas vezes, resulta da qualidade da educação ofertada ao aluno. Tradicionalmente, a escola universaliza as formas de ensinar e desconsidera o fato de que cada pessoa aprende de uma forma e que o processo de aprendizagem é singular. Posturas como essa impactam negativamente a trajetória escolar do aluno, muitas vezes, resultando na evasão.

Um outro aluno, Rafael, relatou-me que estava com 17 anos. Ele disse-me que havia reprovado por duas vezes no 6º ano e uma vez no 8º ano. Disse que veio a pandemia e ele passou, fazendo menção à aprovação automática. Apesar de clara habilidade comunicativa, o aluno relatou que reprovou na disciplina de Língua Portuguesa e que, por isso, não gostava dessa disciplina, que era difícil.

A turma apresenta um perfil bastante desafiador: são adolescentes, em sua maioria, com algum atraso na idade escolar, com conhecimentos prévios limitados e muitas dificuldades em relação à escrita, à leitura e à interpretação de texto. Além disso, alguns apresentam problemas de disciplina e relacionamento. Como sempre exijo um mínimo de disciplina no decorrer das minhas aulas, alguns alunos destacaram que sou “chata”. Essa dificuldade, sem dúvida, reflete no andamento das aulas.

Além disso, outras questões dificultam o desenvolvimento das aulas: falta de material didático, como livros suficientes para todos os alunos – os livros são compartilhados e não podem ser levados para casa. São 3 turmas de 9º no turno. Assim, quando uma turma faz uso do livro, as outras ficam impossibilitadas de usá-los; falta de equipamentos como datashow, tomadas e até lâmpadas para iluminar a sala de aula.

Os alunos da turma têm muitas dificuldades para realizar as atividades propostas, tanto em classe quanto extraclasse e pouco comprometimento com atividades avaliativas.

Na primeira atividade, aplicamos um questionário com o objetivo de sabermos em que medida os alunos conhecem e compartilham meme. Todos os participantes afirmaram ter aparelho celular ou similar e acesso à internet, ferramentas muito utilizadas na circulação de textos dessa natureza. Questionados sobre a noção que têm sobre esses textos, todos os alunos afirmaram saber do que se trata. Em relação ao compartilhamento, 9 alunos disseram que compartilham meme frequentemente, ao passo que 7 afirmaram compartilhar raramente.

3.5 Intervenção Pedagógica

Inscrito numa certa formação discursiva, o sujeito, a partir do discurso tecnológico da chamada “era digital”, assume determinadas posições na sociedade nas quais é possível observar a constituição do pensamento contemporâneo no que diz respeito à política, às relações sociais, ao trabalho etc.

Pensando em analisar como os alunos participantes da pesquisa leem o texto meme na relação entre o verbal e o imagético, propusemos um trabalho realizado a partir da aplicação de um caderno didático, o qual passamos a descrever a seguir.

3.5.1 Caderno Didático

Para a AD não há univocidade entre pensamento/mundo/linguagem. O equívoco é constitutivo do discurso e, desse modo, sempre haverá o espaço da interpretação. A leitura, nessa perspectiva, não é transparente. Assim, ler “é saber que o sentido pode ser outro” (ORLANDI, 2020, p. 143). Em todo texto, há, portanto, um outro texto.

A Base Nacional Comum Curricular – BNCC – normatiza a importância de se trabalhar com textos que circulam no digital, como o meme, por exemplo, na formação dos estudantes. Essa é a locução da competência específica do componente Língua Portuguesa no documento legal:

Compreender uma palestra é importante, assim como ser capaz de atribuir diferentes sentidos a um *gif* ou meme. Da mesma forma que fazer uma

comunicação oral adequada e saber produzir *gifs* e memes significativos também podem sê-lo. (BRASIL, 2017, p. 69)

Sem incorrer na evidência da onipotência da tecnologia presente no discurso da era digital, é preciso compreender que a tecnologia é um instrumento de poder e de dominação, pois serve aos interesses de alguns. Assim, faz-se necessário problematizar as formas de ler e interpretar um meme. Dito de outro modo, é preciso levar o sujeito à reflexão sobre o que produz ou ouve a fim de promover o pensamento crítico.

Para Orlandi (2020, p. 8), a Análise de Discurso “nos coloca num estado de reflexão e permite ao sujeito uma relação menos ingênua com a linguagem, sem, no entanto, incorrer na ilusão da consciência de tudo”.

O interesse em propor esta intervenção pedagógica advém do reconhecimento da importância do ensino de leitura e interpretação de texto nas séries finais do ensino fundamental. Somos permeados pelo simbólico, pelo sentido e pelo político. A linguagem nos permeia e não é transparente. Nela, não há neutralidade. Diante de um objeto, não há como não interpretar. Assim, este caderno didático foi pensado como uma ferramenta capaz de subsidiar a proposta de intervenção.

O caderno didático foi constituído por 4 propostas de atividade, de modo a levar os alunos a pensarem, a cada aula, primeiramente, o imagético, posteriormente, o verbal e, na sequência, o verbal e o imagético postos em relação, como veremos adiante. As atividades foram propostas com o objetivo de descrever e analisar quais efeitos esses diferentes momentos produzem no percurso da construção de sentidos do aluno diante dos memes apresentados. Antes que os questionários fossem aplicados aos alunos, fiz, oralmente, as perguntas abaixo:

Quadro 3 – Questões iniciais

1. “Quem gosta de meme?”
2. "Vocês costumam compartilhar memes?"
3. Quem pode dizer o que é meme?

Fonte: autoria própria

Durante este momento, os alunos, majoritariamente, afirmaram gostar de meme e o identificaram como uma “coisa engraçada”, apresentada em fotos, vídeos, áudios etc.

A primeira atividade do caderno didático proposta foi pensada com o intuito de verificar quais sentidos *de* e *sobre* meme circulam entre os alunos participantes da pesquisa. Além disso, pretendíamos saber também como e com que frequência os alunos compartilhavam textos dessa natureza e se tinham instrumentos/equipamentos tecnológicos necessários para tanto.

Há um discurso de inovação tecnológica, acessibilidade e revolução digital – também presente na BNCC – mas, sabemos que, muitas vezes, o aluno não possui equipamentos eletrônicos nem acesso à internet, além de outras condições necessárias a circulação desses textos.

Para o desenvolvimento dessa atividade, foi proposto, em duas aulas de 40 minutos, o seguinte questionário:

Quadro 4 – Atividade 1 do caderno didático

Atividade 1 – Você compartilha meme?

1. Você tem aparelho celular, *tablet* ou *notebook*?
 Sim
 Não
2. Você tem acesso à internet?
 Sim
 Não
3. Se você tem acesso à internet, de qual tipo ela é?
 Wi-Fi
 Dados móveis
 Wi-Fi e dados móveis
4. Você tem conta em rede(s) social(s)?
 Sim
 Não

Leia o texto a seguir para responder às questões 5, 6, 7, 8, 9 e 10.

Figura 1 – Meme Chico Buarque alegre/Chico Buarque triste



Fonte: <https://scinova.com.br>

5. Você sabe o que é meme?
 Sim
 Não
6. Com que frequência você lê/compartilha meme?
 Frequentemente
 Raramente
7. Para você, o que é meme?
8. Apresente uma possível leitura-interpretação para o meme acima.
9. Como você relaciona o texto não-verbal imagético (as fotos) ao texto verbal do meme acima?
10. Você acha que o texto verbal poderia ser outro? Por quê?

Fonte: autoria própria

Na atividade 2, objetivávamos saber *como* os alunos participantes da pesquisa pensam o não-verbal imagético. Para esta atividade, apresentamos aos alunos 4 (quatro) textos não verbais relacionados à disputa presidencial nas eleições de 2022, mais especialmente, à disputa entre os então candidatos Luís Inácio Lula da Silva e Jair Messias Bolsonaro. Essa atividade foi aplicada com o intuito de perceber as especificidades do texto imagético e a circulação de sentidos.

Quadro 5 – Atividade 2 do caderno didático

Atividade 2 – Texto não verbal imagético e circulação de sentidos

Observe as imagens a seguir:

Figura 2 – Fotografia de uma vaca



Fonte: <https://www.youtube.com/>

Figura 3 – Fotografia de Lula



Fonte: <https://epocanegocios.globo.com/>

Figura 4 – Fotografias de Bolsonaro



Fonte: <https://br.ifunny.co/>

Figura 5 – Fotografias de Anitta/Manifestante



Fonte: <https://24h.com.br/>

1. Como você interpreta cada uma das imagens acima?
2. Para você, as imagens representam a realidade? Por quê?
3. É possível atribuir sentidos diferentes daqueles atribuídos inicialmente? Quais?
4. Como você descreve a figura 2? Que (ais) sentido (s) ela constrói?
5. Na figura 3, o rosto do homem (Ex-Presidente Lula) é posto em destaque. Na sua opinião, esse recorte permite uma interpretação diferente?
6. Ainda sobre a figura 3, o que sugere a expressão fisionômica do homem (Ex-Presidente Lula)?
7. Sobre a figura 4, responda:
 - a) Como você interpreta a expressão facial do homem (Presidente Jair Bolsonaro) na primeira foto?
 - b) De que modo o fundo “escuro” da imagem reforça a expressão facial do homem (Presidente Jair Bolsonaro)?
 - c) A expressão facial do homem (Presidente Jair Bolsonaro) muda na segunda foto. Para você, quais elementos contribuem para essa mudança?
8. Considerando a figura 5, responda:
 - a) O que sugere as cores utilizadas na primeira foto? Como essas cores significam em nossa cultura?
 - b) O que sugere a pose da mulher fotografada?
 - c) A cor amarela está presente tanto numa quanto na outra imagem que compõe a figura 5. Para você, essa cor tem o mesmo sentido nas duas fotos? Por quê?

Na terceira atividade, propusemos verificar como o texto verbal, em si, produz sentidos. Para tanto, aplicamos o questionário abaixo.

Quadro 6 - Atividade 3 do caderno didático

Atividade 3 – Texto verbal e produção de sentidos

Ouçã/leia os textos a seguir para responder às questões propostas.

Texto I

- É BOLSONARO OU NÃO É?

- É:.....

(ÁUDIO)

Texto II

ROUBOU TANTO COM 9 DEDOS

IMAGINA SE TIVESSE 10?

Texto III

QUANDO A PROFESSORA DIZ
QUE A PROVA É EM DUPLA

MAS O PAULO GUEDES FALTA

Texto IV

GIRL FROM RIO

GADO FROM PROTESTO

ANITTA

PISCINÃO

3003.1993

1. Como você interpreta o áudio apresentado?
2. Ainda sobre o áudio, o som reproduzido parece ser de um humano ou de um bicho? Por quê?
3. Na língua portuguesa, ocorre o fenômeno do estrangeirismo. Qual a tradução literal para as expressões “GIRL” e “FROM”?
4. Faça a tradução de:
 - a) “GIRL FROM RIO”
 - b) “GADO FROM PROTESTO”
5. A palavra “ANITTA” lhe remete a alguma personalidade (pessoa famosa)? Caso a resposta seja positiva, quem seria ela?
6. Que interpretação você dá para o número 3003.1993?

7. O que significa a expressão “PISCINÃO”?
8. Como você interpreta o enunciado “ROUBOU TANTO COM 9 DEDOS, IMAGINA SE TIVESSE 10?”
9. Como você interpreta o enunciado “QUANDO A PROFESSORA DIZ QUE A PROVA É EM DUPLA, MAS O PAULO GUEDES FALTA”.
10. É possível dar interpretações diferentes daquelas inicialmente apresentadas aos textos II e III? Quais?

Fonte: autoria própria

Na quarta e última atividade do caderno didático, pretendíamos analisar como os alunos pensam o texto meme na relação entre o verbal e o imagético, bem como os efeitos de sentido resultantes desse processo. A fim de alcançarmos este objetivo, aplicamos o seguinte questionário.

Quadro 07 – Caderno Didático (Atividade 4)

Atividade 4 – Constituição, formulação e circulação de sentidos: a relação entre o verbal e o imagético no texto memético

Texto I

Figura 06 – Meme “É Bolsonaro ou não é?”



Fonte: <https://www.youtube.com/>

Sobre o texto I, responda:

1. Para você, qual é o principal tema abordado?

2. “É Bolsonaro ou não é?”. Levante hipóteses: quem pode ter feito essa pergunta? Justifique!
3. Explique por que a pergunta foi feita para um animal.
4. Considerando sua resposta à pergunta anterior, um animal pode assumir características propriamente humanas? Na sua opinião, por que o texto fez uso desse recurso?
5. O meme em estudo faz parte de uma série de memes que ficou conhecida como “Eu sou gado do Bolsonaro”. A expressão “gado” vem sendo empregada desde as eleições de 2018 para se referir aos eleitores do Presidente Jair Bolsonaro. Qual o sentido dessa expressão?
6. O texto revela a opinião de quem produz e compartilha meme como esse? Para você, qual seria essa opinião?

Texto II

Figura 07 - Gado from protesto



Fonte: <https://24h.com.br/>

Em relação ao texto II, faça o que se pede a seguir:

1. Descreva o meme acima.
2. Os memes são textos multimodais e multissemióticos constituídos por imagens e legendas que passam por um processo de edição e compartilhamento nas redes sociais. Na sua opinião, quais acontecimentos deram origem às imagens que constituem o texto II?
3. Para você, por que as imagens foram escolhidas para compor o meme?
4. Em quais pontos as imagens se aproximam? Em quais se diferem? Justifique a sua resposta.

Texto III

Figura 08 – Meme Lula 9 dedos

Fonte: <https://www.estadao.com.br/>

Sobre o texto III, responda:

1. Qual a relação entre o texto verbal e o texto não verbal no meme?
2. O que você pensa sobre a política?
3. O que você pensa sobre os políticos?
4. De acordo com o texto, o fato de Lula ter 9 dedos o impede de “roubar” mais? Justifique!
5. Por que Lula “roubaria” mais se tivesse 10 dedos? Justifique!
6. Na sua opinião, os políticos roubam? Por quê?

Texto IV

Figura 9 – Meme Prova com Paulo Guedes

Fonte: <https://br.ifunny.co/>

Considerando o texto IV:

1. Descreva o meme e explique seus efeitos de sentido.
2. Qual o principal assunto abordado no texto?
3. Como a expressão facial de Bolsonaro se relaciona com o texto verbal nos dois momentos do meme?
4. Por que fazer uma prova em dupla com Paulo Guedes parece deixar Bolsonaro animado?
5. Levante hipóteses: Por que a informação de que Paulo Guedes não faria a prova deixou Bolsonaro, aparentemente, chateado?
6. Para você, há alguma semelhança entre os textos I, II, III e IV? Justifique!

Fonte: autoria própria

3.6 Da caracterização do *Corpus* e do Procedimento de análise

A constituição do *corpus* é noção basilar quando se pensa a análise na teoria na qual este trabalho se inscreve. O percurso feito até este capítulo, a problematização do objeto da pesquisa, a chave de leitura perseguida, o percurso metodológico e a constituição do referencial teórico contribuíram para a constituição de um dispositivo de análise. Para Orlandi (2020, p. 61), “a construção do *corpus* e a análise estão intimamente ligadas: decidir o que faz parte do *corpus* já é decidir acerca de propriedades discursivas”.

Nesta seção, objetivamos caracterizar o *corpus* a partir de montagens discursivas decorrentes de princípios teóricos da AD, ao mesmo tempo em que perseguiamos a seguinte pergunta: como os alunos participantes da pesquisa, isto é, alunos de uma turma do 9º escolar de uma escola pública do município de Conceição do Araguaia (Pará), leem o texto meme, não perdendo de vista a relação entre verbal e imagético?

Há um pré-construído de que a relação entre o verbal e o imagético seria da ordem da ilustração. O *corpus* deste trabalho foi estabelecido a partir de atividades propostas num caderno didático por nós elaborado. Nessas atividades, os alunos foram levados a refletir, isoladamente, o imagético, o verbal e o imagético e o verbal postos em relação, a fim de, mais tarde, respondermos a seguinte indagação: quais

efeitos esses momentos diferentes produzem para o próprio percurso de construção de sentidos pelo aluno diante dessa natureza de texto?

Neste trabalho, como dissemos anteriormente, traçamos como objetivo analisar como os alunos de uma turma do 9º ano do ensino fundamental leem o texto meme, considerando a relação entre o imagético e o verbal em textos meméticos. Como ponto de partida para as análises, tomamos por base algumas formulações que sustentam-se num pré-construído de que o meme apresenta humor.

No jogo entre descrição e interpretação, buscamos construir um método capaz de abrir possibilidades de compreender como os alunos leem o meme sem perder de vista a opacidade entre o verbal e o imagético. Com fundamento na AD, tomamos o meme como uma prática discursiva, procurando aproximar nas diferentes linguagens o que há de semelhança entre elas e distinguir as particularidades que constituem as suas especificidades.

Assim, interessa-nos, na análise, os movimentos em que os alunos, em sua formulações, apresentam dispersões, bem como pré-construídos acerca dos memes apresentados. Os textos meméticos que compõem este trabalho estão inscritos numa formação discursiva política. Todavia, os sentidos não são unívocos. Desse modo, os pré-construídos que fundamentam a interpretação dos alunos pesquisados também se inscrevem em outras formações discursivas, como no discurso jurídico, por exemplo. Esse jogo decorre da relação interdiscursiva presente nos sentidos. Assim, a fim de cotejarmos os elementos que subsidiam a nossa análise, selecionamos as seguintes questões para compor o *corpus* da pesquisa:

Quadro 8 – Recorte de questões (focos de análise)

Atividade	Foco de análise	Justificativa
1	Questão 7	A seleção dessa questão justifica-se pela ocorrência, na materialidade da pesquisa, do pré-construído de que o meme apresenta humor. As formulações nela apresentadas interessa-nos à medida em que, neste trabalho, queremos saber como os alunos leem o texto meme.
	Questão 9	A análise da materialidade presente nesta questão fundamenta-se no pré-construído de que o texto verbal e o não verbal imagético estão numa relação de recobrimento. Interessa-nos analisar como essa relação se constrói na interpretação do aluno.

	Questão 10	Interessa-nos analisar, nas formulações dessa questão, como a dispersão e a opacidade são constituintes do verbal e do não verbal imagético.
2	Questão 1	O recorte dessa questão mostra-se representativo da leitura-interpretação dos textos imagéticos apresentados dada a sua recorrência. Nela, mobilizam-se fundamentos teóricos-metodológicos da AD relevantes para a análise, como gestos de interpretação, memória e interdiscurso.
	Questão 2	A seleção da questão 2 está ancorada no pré-construído de que a imagem/fotografia é a representação de um fato. Interessa-nos analisar as materialidades formuladas, pois, com fundamento na AD, tomamos a imagem/fotografia como um discurso.
	Questão 3	Essa questão interessou-nos à medida em que, dada a recorrência em suas formulações, percebemos que os alunos compreendem que há especificidades no texto imagético.
3	Questão 1	Na atividade 3, pretendíamos saber como o verbal produz sentidos. Selecionamos essa questão por acreditarmos que as formulações nela apresentadas mobilizam fundamentos da AD que podem nos auxiliar quanto ao objetivos dessa atividade.
	Questão 5	As formulações constituídas a partir dessa questão mobilizam a opacidade dos sentidos no texto verbal. Dessa forma, justifica-se a seleção da questão.
	Questão 7	O recorte dessa questão está ancorado no interdiscurso, bem como no pré-construído de que a relação entre o imagético e o verbal é da ordem do recobrimento.
4	Questão 5 (Texto I)	O recorte dessa questão interessa - nos à medida em que, nas formulações apresentadas, pudemos analisar como as palavras não tem sentidos em si.
	Questão 2 (Texto II)	Selecionamos essa questão por apresentar, em suas formulações, o atravessamento do discurso político pelo discurso religioso.
	Questão 3 (Texto III)	A seleção dessa questão fundamenta-se no pré-construído de que os políticos são corruptos.

Fonte: autoria própria

Entendemos que a análise é um processo que tem início já no estabelecimento do *corpus*. Em certa medida, o *corpus* resulta da construção do próprio analista. Não é objetivo da AD a exaustividade horizontal, em extensão, tampouco, a completude da interpretação em relação ao objeto empírico.

Salientamos que a análise que apresentaremos a seguir está sustentada num recorte e ressaltamos que alguns fatores influenciaram nesse recorte, tais como: disposição dos alunos para participarem de todas as atividades sugeridas, falta às aulas, ilegibilidade de algumas materialidades etc. Todavia, o recorte aqui apresentado representa o modo predominante de leitura-interpretação dos textos trabalhados.

4 LEITURA E INTERPRETAÇÃO DE MEMES NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: ENTRE A EVIDÊNCIA E A OPACIDADE DE SENTIDOS

Neste trabalho, recortamos para analisar algumas formulações feitas pelos alunos participantes da pesquisa a partir de questões apresentadas no caderno didático por nós elaborado. Ancorado em fundamentos da AD, esse caderno foi construído com foco na leitura do texto meme, que, nos últimos tempos, tem sido amplamente aceito e compartilhado entre usuários de redes sociais.

Nosso interesse em selecionar texto dessa natureza é problematizar como os alunos da turma pesquisada leem o texto meme, não perdendo de vista a relação entre o verbal e o imagético. Como já dissemos, há um pré-construído de que a relação entre o verbal e o não verbal imagético está na ordem do recobrimento ou da ilustração. Todavia, acreditamos que essas diferentes linguagens tenham as suas especificidades, que devem ser enfrentadas.

4.1 Movimento de análise 1: o humor como pré-construído do meme

Além das questões atinentes ao acesso à *Internet* e ao compartilhamento de meme, a atividade 1 do caderno didático apresentou, como referido na seção 3.5.1 deste trabalho, uma versão do conhecido meme “Chico Buarque alegre/Chico Buarque triste”.

Na imagem, são apresentadas duas fotos do cantor e compositor brasileiro Chico Buarque de Holanda. Na foto à esquerda, Chico aparece sorrindo. Na da direita, sério. As fotos apresentam, num processo de complementaridade, os textos verbais “Eu sei o que é meme!” e “Mas não sei explicar direito”, respectivamente.

O meme “Chico Buarque alegre/Chico Buarque triste” surgiu a partir da capa de um álbum lançado pelo cantor e compositor em 1966. À época, Chico, com 22 anos, queria que a capa do álbum expressasse maior seriedade, ao passo que a gravadora pretendia uma imagem mais descontraída, com um sorriso. Diante do impasse, a capa foi lançada com as duas fotografias. Sobre este episódio, o cantor disse:

As fotos da capa, essa eu me lembro bem... Nós estávamos num estúdio fotográfico e eu queria tirar uma foto mais séria, eu queria me impor como um compositor sério e tal. E eles achavam que eu ficava mais bonito quando sorria. Então tiramos várias fotos, sorrindo e sério.

[...]

Eu fui ver a capa pronta. Eles fizeram a vontade deles e a minha, com essa capa absurda que virou meme. E, cada vez que vejo, sendo meme ou não, eu digo que absurdo isso aí...”

(Transcrição da entrevista cedida por Chico Buarque a Zuza Homem de Mello, em novembro de 2020).

É importante destacar que as informações quanto às condições de produção acerca das imagens que deram origem a esse meme não foram referenciadas no momento da aplicação da atividade com o intuito de observar a equivocidade dos sentidos possíveis nos processos de leitura-interpretação.

A partir desse meme, solicitamos que os alunos respondessem o que seria meme para eles. De acordo com as respostas obtidas, observamos que a maioria dos alunos estão inscritos num funcionamento de um pré-construído que identifica o meme com o humor. Vejamos abaixo algumas dessas respostas:

Figura 10 - Formulações dos alunos na questão da Atividade 1

7. Para você, o que é meme?

São textos e fotos engraçados para divertir ao público.

Laura - São textos e fotos engraçados para divertir ao público.

7. Para você, o que é meme?

UMA IMAGEM OU VÍDEO QUE TEM EM OBJETIVO RELATAR O HUMOR.

Pedro - Uma imagem ou vídeo que tem em objetivo relatar o humor.

7. Para você, o que é meme?

É uma coisa engraçada como vídeo, fotos e palavras. As pessoas postam nas redes sociais para as pessoas verem. Tem pessoas que postam para ganhar fama, mas a maioria acha engraçado o meme e uma postagem como pessoas caindo, pessoas que falam palavras que fazem sentido para as pessoas riem do que outras pessoas estão falando, também fotos com palavras engraçadas. As pessoas acham muito bom. Então, isso é como se vê nas redes sociais e vai compartilhando com o mundo todo. Para mim, meme é isso.

Rebeca - É uma coisa engraçada, como vídeo, fotos e palavras. As pessoas postam nas redes sociais para as pessoas verem. Tem pessoas que postam para ganhar fama, mas a maioria acha engraçado o meme e uma postagem como pessoas caindo, pessoas que falam palavras que fazem sentido para as pessoas rirem do que outras pessoas estão falando, também fotos com palavras engraçadas. As pessoas acham muito bom. Então, isso é como se vê nas redes sociais e vai compartilhando com o mundo todo. Para mim, meme é isso.

Fonte: autoria própria

As respostas dadas à essa questão direcionam para a relação entre o meme e o humor. Essa relação pode ser explicada pela formação discursiva que, numa dada formação ideológica, determina o que pode ser dito. Apesar da popularidade do texto memético e de um interesse científico cada vez maior em torno dele, o conceito de meme não é inequívoco. Todavia, em boa parte das formulações, identifica-se o meme como “algo engraçado”. Podemos perceber aqui o efeitos da discursividade.

Na questão de número 9 (nove), perguntamos aos alunos como eles relacionam o texto verbal e o texto não-verbal. O que observamos é que há uma ideia da ordem do recobrimento, como se o texto não verbal imagético viesse referendar o texto verbal. Essa percepção é decorrente de uma tradição no ensino que vê o texto imagético como um decalque da linguagem verbal. Vejamos:

Figura 11 – Formulações dos alunos na questão 9 da Atividade1

9. Como você relaciona o texto não-verbal imagético (as fotos) ao texto verbal do meme acima?

elas tem uma relação, por exemplo, não vai entender o meme sem ler o texto, ou seja, um ajuda a dar sentido para o outro.

Luísa - Elas têm uma relação, por exemplo, não vai entender o meme sem ler o texto, ou seja, um ajuda a dar sentido para o outro.

9. Como você relaciona o texto não-verbal imagético (as fotos) ao texto verbal do meme acima?

O MEME ACIMA PASSA A SER TEXTO VERBAL,
POR CONTER TEXTO COMPLEMENTANDO A IMAGEM, AO INVÉS
DE SER TEXTO NÃO VERBAL IMAGÉTICO

Pedro - O meme acima passa a ser texto verbal por conter texto complementando a imagem, em vez de ser texto não verbal imagético.

Fonte: autoria própria

O texto verbal ocupa um lugar central. Mesmo frente a diferentes condições de produção e materialidades distintas, os modos de se interpretar seguem os mesmos procedimentos da significação verbal. No entanto, mesmo diante da ilusão do discurso verbal como natural, há também o reconhecimento de que existem particularidades constitutivas das linguagens distintas da verbal. Essa noção fica evidente quando perguntamos aos participantes da pesquisa, na questão 10 (dez), se, em relação às imagens do meme “Chico Buarque alegre/Chico Buarque triste”, o texto verbal poderia ser outro. Vejamos algumas respostas:

Figura 12 – Formulações dos alunos na questão 10 da Atividade 1

10. Você acha que o texto verbal poderia ser outro? Por quê?

Sim! O TEXTO VERBAL É O QUE TÁ DANDO CONTEXTO
PRA FOTO, A FOTO PODE TER DIVERSOS OUTROS SIGNIFICADOS
COM BASE NO TEXTO...

Pedro - Sim! O texto verbal é o que tá dando contexto pra foto. A foto pode ter diversos outros significados com base no texto.

Fonte: autoria própria

Para a filiação teórica na qual este trabalho se inscreve, o texto é a unidade fundamental da linguagem, quando pensamos em seu funcionamento, na linguagem fazendo sentido. Reiteramos que a AD se interessa pelo texto como unidade na qual é possível ter acesso ao discurso. Embora reconheçamos a dominância do verbal na interpretabilidade, não podemos ser indiferentes aos processos específicos de significância das diferentes linguagens. Na formulação acima, Pedro destaca o texto verbal como ancoragem para o meme, mas reconhece a possibilidade do texto imagético ter outros sentidos.

A AD aceita a complexidade e a multiplicidade das diferentes linguagens, procura explicitar as características que definem as suas especificidades e busca entender o seu funcionamento. Dessa forma, admite não só o trabalho com o texto verbal, mas também com formas distintas dele. Para este construto teórico, a noção de prática discursiva é, portanto, singular, pois, por ela, nas diferentes linguagens, podemos aproximar o que há de semelhante entre elas, e distinguir o que é particularidade de cada uma.

Assim, para a AD, o discurso não é tratado como um texto, mas como prática. Neste sentido, é uma mediação necessária entre o sujeito e sua realidade, seja ela natural ou social.

4.2 Movimento de análise 2: gestos de interpretação, memória e interdiscurso no texto imagético

Na segunda atividade do caderno didático, propusemos um trabalho com o texto imagético. Após discussão com o alunos acerca do que pode ser considerado um texto, dissemos a eles que não importa a extensão, tampouco a linguagem que o constitui, mas, principalmente, o seu sentido.

O texto é uma manifestação concreta do discurso na qual se pode observar o funcionamento do simbólico. Como vimos na capítulo 2 deste trabalho, um dos momentos que constituem os processos de produção do discurso é o da circulação, que ocorre em determinada conjuntura e sob certas condições.

A disputa entre os candidatos Lula e Bolsonaro foi considerada uma das mais acirradas desde a redemocratização do Estado brasileiro. Lula venceu as eleições com 50,90% dos votos válidos, enquanto Bolsonaro contou com 49,10%. Esses dados ajudam a ilustrar a conjuntura da corrida presidencial e as circulação de inúmeros memes sobre os candidatos já referidos.

Perguntamos aos alunos como eles interpretavam cada uma das imagens apresentadas. Obtivemos, dentre outras, as seguintes respostas:

Figura 13 - Formulações dos alunos na questão 1 da Atividade 2

1. Como você interpreta cada uma das imagens acima?

A primeira figura ela é um bezerro muito bonito, na 2ª Jair Bolsonaro presidente na 3ª ex-presidiário Lula muito triste com sua perda de votos na 4ª Jair Bolsonaro triste com a sua perda de presidência na 5ª mulher em frente a um ônibus

Maria - A primeira figura ela é um bezerro muito bonito. Na segunda, Jair Bolsonaro Presidente. Na terceira, o ex-presidiário Lula muito triste com a sua perda de votos. Na quarta, Jair Bolsonaro triste com a sua perda da presidência. Na quinta, uma mulher em frente a um ônibus. (grifo nosso)

Chama a atenção na formulação acima a interpretação que a aluna deu às imagens (fotografias) dos dois principais candidatos às eleições presidenciais de 2022, uma vez que novos efeitos de sentidos são construídos por ela. Esses efeitos podem ser decorrentes das condições de produção, do contexto, tanto histórico quanto imediato: as eleições presidenciais, a acirrada disputa entre Lula e Bolsonaro, a atividade em sala de aula etc.

Neste recorte, em relação a fotografia do ora candidato Lula, o sentido construído pela aluna foi a de um “ex-presidiário triste com a perda de votos”. Em 2017, Lula foi condenado a 9 (nove) anos e meio de prisão, no conhecido caso do “Triplex do Guarujá”, em sentença proferida pelo, então, juiz Sérgio Moro.

Em segunda instância, Tribunal Regional Federal (TRF- 4ª região), em 2018, a pena foi aumentada para 12 (doze) anos e 1 (um) mês. Em 2019, após reforma da decisão, a pena foi diminuída para oito anos e dez meses pelo Superior Tribunal de Justiça (STJ). Por este caso, Lula ficou preso entre abril de 2018 e novembro de 2019. Em fevereiro de 2019, mais uma condenação pesou sobre ele. Dessa vez, pelo chamado caso do “Sítio de Atibaia”.

Em abril de 2021, tanto a condenação pelo caso do “Triplex do Guarujá” quanto do caso do “Sítio de Atibaia” foram anuladas pelo Ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), Edson Fachin, que considerou a 13ª Vara Federal de Curitiba incompetente para processar e julgar o feito, determinando que a Justiça Federal do Distrito Federal era a competente. Essa decisão habilitou Lula à disputa das eleições presidenciais de 2022. Além dessa decisão, o STF também entendeu que, o então juiz originário, Sérgio Moro, era parcial.

Assim, entendemos que o gesto de interpretação, neste ponto específico, se faz pela memória, ou melhor, por dois aspectos da memória. Não há, ao nosso ver e, segundo os fundamentos teórico-analíticos deste trabalho, uma mera decodificação. Quando ela interpreta que, “na terceira [foto], o ex-presidiário Lula [está] muito triste com a sua perda de votos” há tanto uma marca do arquivo, da memória institucionalizada (o discurso jurídico, a decisão do juiz originário, do TRF-4ª região, do STJ), quanto da memória constitutiva, o interdiscurso (o que se diz na mídia, na família, na igreja, nas campanhas eleitorais).

Há, nos gestos de interpretação, tanto a possibilidade de estabilização, quanto de deslocamento de sentidos: o sentido “ex-presidiário Lula” parece estar estabilizado na interpretação em análise, ao passo que “Lula [está] muito triste com a sua perda de votos” é um sentido que se desloca, marcado pela incompletude dos discursos e pelo vestígio do possível.

Em relação ao então Presidente e candidato à reeleição Jair Bolsonaro, a aluna, em sua formulação, destaca uma tristeza que, para ela, seria decorrente da perda da Presidência, sugerindo que Bolsonaro seria derrotado na disputa.

Na segunda questão, perguntamos aos alunos se as imagens apresentadas representam a realidade. Muitos alunos responderam que sim. Vejamos uma dessas respostas:

Figura 14 – Formulações dos alunos na questão 2 da Atividade 2

2. Para você, as imagens representam a realidade? Por quê?

Sim, por que são fatos que realmente aconteceram.

Lucas – Sim, porque são fatos que realmente aconteceram.

A leitura de imagens faz parte do nosso cotidiano. Desde o paleolítico, sob a forma de desenhos, o homem deixou sinais de sua criatividade. Os desenhos rupestres são considerados imagens por tentarem reproduzir, no plano visual, as pessoas e os objetos do mundo real.

A nossa cultura muito valoriza a representação da realidade pela imagem. A fotografia, por exemplo, é comumente vista como a fiel representação de um

acontecimento, um fato. Esse acontecimento parece trazer junto a si seu referente. Não obstante, há diferenças entre a fotografia e a realidade supostamente representada por ela.

Numa perspectiva discursiva, há uma memória institucionalizada na/pela imagem. A fotografia é uma forma geradora de discursividade, responsável pela memória histórico-discursiva. Dessa forma, a fotografia é também discurso.

Quando o aluno Lucas diz que as fotos apresentadas representam a realidade pois são fatos, se inscreve numa formação discursiva determinada pelo já-dito e, por conseguinte, numa formação ideológica que identifica a fotografia com o mundo fático.

A AD trabalha com o sentido, sendo ele ideologicamente determinado. O real da língua é, desse modo, inatingível. Nesta esteira, a fotografia é o espaço de uma percepção do mundo fenomenológico, que se dá pelo discurso não verbal, percepção essa constituída no/pelo sujeito, marcada pela historicidade e pelo inconsciente.

Isso nos permite pensar que a identificação entre fotografia/realidade/verdade produz nela um efeito de retratação. Todavia, nenhuma fotografia é capaz de captar a verdade. Assim, o seu referente não pode ser imposto como real, mas sim como um mecanismo de constituição de “realidades”, sentidos e interpretações, que desencadeia leituras possíveis, decorrentes de um pacto entre o sujeito-autor e o sujeito-leitor, marcados, respectivamente por um “mostrar-exibir” e um “ver-olhar”.

Na terceira questão dessa atividade, questionamos aos alunos se outros sentidos, diversos daqueles atribuídos inicialmente (questão 1), poderiam ser dados às imagens. Vejamos:

Figura 15 – Formulações dos alunos na questão 3 da Atividade 2

3. É possível atribuir sentidos diferentes daqueles atribuídos inicialmente? Quais?

Sim as imagens podem ter outros sentidos.

Laura – Sim, as imagens podem ter outros sentidos.

3. É possível atribuir sentidos diferentes daqueles atribuídos inicialmente?
Quais?

SIM! DEPENDENDO DO SEU PONTO DE VISTA E DO CONTEXTO
VOCÊ PODE DISTORCER O SENTIDO, PODENDO SER NO SENTIDO DE
HUMOR, COMPARAÇÃO, INFORMAÇÃO E OUTROS

Pedro – Sim! Dependendo do seu ponto de vista e do contexto, você pode distorcer o sentido. Pode ser no sentido de humor, comparação, informação etc.

3. É possível atribuir sentidos diferentes daqueles atribuídos inicialmente?
Quais?

SIM É MUITO POSSÍVEL FAZER VÁRIOS OUTROS
MEMES COM CADA UMA DESSAS IMAGENS

Luís – Sim, é muito possível fazer vários outros memes com cada uma dessas imagens.

Fonte: autoria própria

As respostas dadas a essa pergunta nos permite inferir que os alunos conseguem perceber que há especificidades no texto não verbal imagético, de modo a pensar que o sentido pode sempre ser outro. A construção de sentidos na/pela imagem se dá no/pelo entrecruzamento de linguagens e elementos próprios como traços, cores, texturas, luz etc., em simultaneidade. Todavia, entender a imagem como discurso, implica também atribuir a ela aspectos históricos e ideológicos.

4.3 Movimento de análise 3: texto verbal e produção de sentidos

Na terceira atividade do caderno didático, a partir de textos propostos, objetivávamos observar como o verbal produz sentidos.

É importante destacar que o texto I foi extraído de um vídeo. Assim, nesta etapa da atividade, apresentei aos alunos o áudio, portanto, uma expressão verbal oral. Nesse áudio, um enunciador faz a seguinte pergunta: “- É Bolsonaro ou não é?”. De modo surpreendente, a pergunta é respondida por um bicho, um bezerro, que diz: “- É:::”. No momento em que apresentávamos esse áudio, os alunos sorriram muito e ficaram bastante animados com a atividade.

Perguntamos a eles como interpretavam o áudio apresentado. Algumas respostas chamaram a nossa atenção quanto ao nosso interesse nessa atividade, cujo objetivo é saber: como o verbal produz sentido? Vejamos:

Figura 16 – Formulações dos alunos na questão 1 da Atividade 3

1. Como você interpreta o áudio apresentado?

é um meme de internet.

Laura – É um meme de internet.

1. Como você interpreta o áudio apresentado?

um homem citando palavras sujas contra o presidente Bolsonaro.

João – Um homem citando palavras sujas contra o presidente Bolsonaro.

1. Como você interpreta o áudio apresentado?

que o cara fez uma graça só por irritar os petistas.

Francisco – Que o cara fez uma graça só por irritar os petistas.

A aluna Laura interpreta o áudio como “um meme de internet”. O meme é caracterizado, geralmente, como um texto que apresenta humor e mobiliza sentidos a partir de elementos do contexto situacional no qual ele é produzido. O texto, numa perspectiva discursiva, se apresenta ao analista como uma unidade imaginária. Todavia, como manifestação material do discurso, oferece excelente observatório do simbólico em funcionamento.

Pela circunstância da enunciação (eleições presidenciais, aulas sobre meme etc), a aluna interpreta o áudio como um meme. Para a AD, a organização do texto dá indícios de como o sujeito pratica significações. Aqui, podemos mobilizar as noções de formação discursiva, memória e ideologia. Pela formulação, a aluna apresenta uma versão do texto.

Passemos a observar agora a resposta do aluno João: “Um homem citando palavras sujas contra o Presidente Bolsonaro”. Nesta formulação, fica evidente a presença da memória, do interdiscurso, da ideologia. Na unidade linguística, quais “palavras sujas” são citadas contra o Presidente Bolsonaro? Todavia, em AD, observa-se o funcionamento do discurso. O texto é a forma material pela qual se tem acesso a discursividade. O que “fala” aqui é um sujeito inscrito num discurso de apoio ao Ex-Presidente Bolsonaro.

Dessa forma, nas relações de significação, o sujeito não alcança como os sentidos estão nele, pois, num processo em que está presente o gesto de interpretação, a formulação, o sentido se faz antes mesmo de fazer sentido.

Outra formulação que chama a atenção é a de Francisco. A interpretação que ele fez do áudio foi a “que o cara fez uma graça só por irritar os petistas”. Aqui podemos perceber a equivocidade, a falha, a opacidade dos discursos, pois que, em dada formação discursiva e ideológica, o sujeito da formulação apresentada pode ocupar um lugar diferente de sua posição.

Em relação ao texto IV, perguntamos aos alunos se a palavra “ANITTA” lhes remetia a alguma pessoa famosa. Vejamos duas formulações inscritas em duas formações ideológicas distintas:

Figura 17 – Formulações dos alunos – Questão 5 da Atividade 3

5. A palavra "ANITTA" lhe remete a alguma personalidade (pessoa famosa)?
Caso a resposta seja positiva, quem seria ela?

Sim, uma cantora de muito sucesso que
replese muito no feminismo por se
destacar tanto

Beatriz – Sim, uma cantora de muito sucesso que representa muito o feminismo por se destacar tanto.

5. A palavra "ANITTA" lhe remete a alguma personalidade (pessoa famosa)?
Caso a resposta seja positiva, quem seria ela?

Anitta é uma cantora famosa no
Mundo, mesmo sendo famosa é uma
pessoa burra que fala que o agrone-
gócio tem que acabar e olha ela come
todo dia

João – Anitta é uma cantora famosa no mundo, mesmo sendo famosa é uma pessoa burra que fala que o agronegócio tem que acabar e olha que ela come todo dia.

Fonte: autoria própria

O processo discursivo é contínuo e não se esgota numa situação particular. A atualização da memória ocorre na formulação. Ela é a realização de um possível. Levando em consideração elementos como as condições de produção, a memória discursiva e as circunstâncias de enunciação, podemos pensar que a fala de João se filia a uma rede de sentidos que identificam Anitta como “cantora famosa no mundo”, porém, “burra, que fala que o agronegócio tem que acabar”. Noutra formação discursiva, na fala de Beatriz, Anitta é “uma cantora de muito sucesso que representa muito o feminismo”.

Como afirmamos, o processo de significação não se esgota numa formulação. Todavia, reconhecer a posição privilegiada da formulação como posto de escuta é fundamental para se adentrar no modo de constituição do sujeito, do sentido e da história.

Ainda em relação ao texto IV, destacamos outras formulações decorrentes da expressão “piscinão”. Vejamos:

Figura 18 – Formulações dos alunos na questão 7 da Atividade 3

<p>7. O que significa a expressão "PISCINÃO"?</p> <p><i>Lavajato</i></p>
<p>Ana – Lavajato</p>
<p>7. O que significa a expressão "PISCINÃO"?</p> <p><i>Uma piscina com dinheiro</i></p>
<p>João – Uma piscina com dinheiro.</p>

Fonte: autoria própria

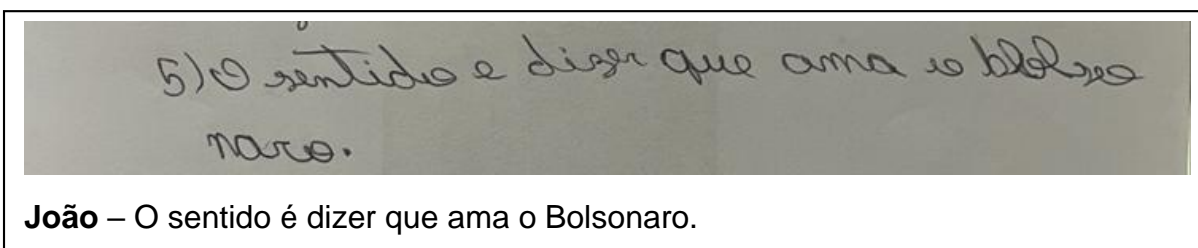
Tanto a formulação de Ana quanto a de João inscrevem-se em sítios de significações filiados a chamada "Operação Lavajato", que culminou com a prisão de Lula. Aqui percebemos a memória discursiva, o interdiscurso. Percebemos também uma relação entre o imagético (apresentado na segunda atividade) e o verbal, como se um referendasse o outro.

4.4 Movimento de análise 4: circulação de sentido de/sobre a política e o político no Brasil

Na quarta atividade, pretendíamos analisar a relação entre o verbal e o imagético no texto memético, considerando a constituição, a formulação e a circulação de sentidos nos memes apresentados.

Na questão 5 do texto I, perguntamos aos alunos qual o sentido da expressão "gado" no contexto das eleições presidenciais. Vejamos a formulação do aluno João:

Figura 20 – Formulações dos alunos na questão 5 do texto I da Atividade 4



Fonte: autoria própria

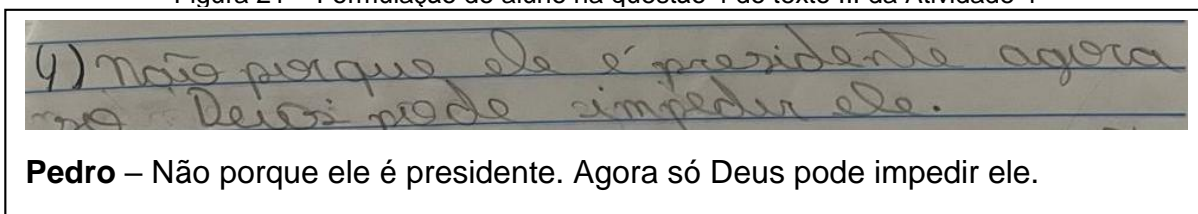
Inscrita numa formação ideológica que compara o apoiador de Jair Bolsonaro a um animal guiado, a expressão “gado” ganhou força a partir das eleições de 2018. Desde então, essa expressão vem sendo empregada por grupos contrários ao Ex-Presidente como crítica ao comportamento de seus apoiadores que, segundo esses grupos, sempre o defende, independentemente de suas atitudes.

A formulação de João nesta questão sugere que ser “gado” é manifestar amor a Bolsonaro. Nesta construção, observamos que as palavras não têm sentido em si. Na verdade, não há sentido em si. Ele é determinado pelas posições ideológicas mobilizadas no processo sócio histórico no qual as palavras são produzidas.

Todo sentido se filia a uma rede de constituição. Todavia, ele pode ser um deslocamento dessa rede. Na interpretação de João, “gado” não tem o mesmo sentido construído noutra formação discursiva, mas sim, num movimento de opacidade e dispersão, tem o sentido de “dizer que ama o Bolsonaro”. Dessa forma, não há o que se falar em sentido verdadeiro, mas real do sentido em sua materialidade.

Na questão 4 (texto III), observamos que os discursos entrecruzam-se. Assim, um discurso de uma categoria, política, por exemplo, pode ser atravessado por outro. Vejamos:

Figura 21 – Formulação do aluno na questão 4 do texto III da Atividade 4



Fonte: autoria própria

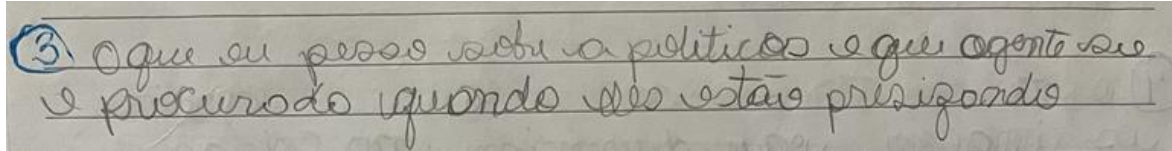
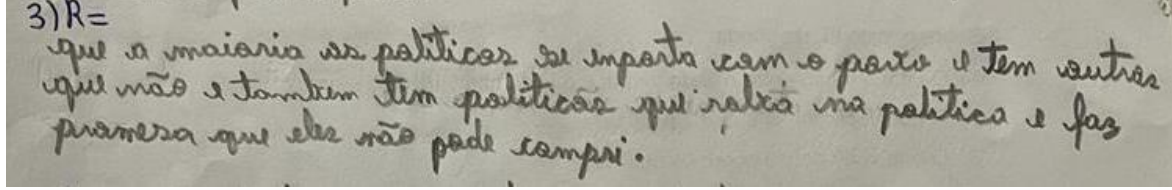
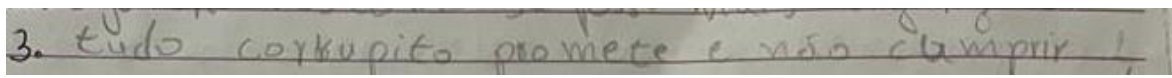
Na formulação analisada, percebemos o texto como uma unidade complexa na qual, pelo menos, dois discursos estão articulados. Quando pensado em relação às suas condições de produção (contexto das eleições de 2022), o discurso está,

predominantemente filiado ao discurso político. Todavia, percebemos também a presença do discurso religioso (Deus tudo pode, inclusive, impedir que Lula roube).

Pelo funcionamento dos discursos articulados nessa formulação, compreendemos que não há um discurso (político) que não seja atravessado por outro (religioso). Percebemos aqui uma relação de inclusão, ou melhor, de sustentação mútua entre os dois discursos. Dito de outro modo, não há um discurso puro. O que há são relações de múltiplas naturezas entre os diferentes discursos.

Na questão 3 do texto III, perguntamos aos alunos o que eles pensavam sobre os políticos. A recorrência de formulações ancoradas no pré-construído de que os políticos são corruptos justifica a seleção dessa questão para a análise. Vejamos algumas formulações:

Figura 22 – Formulações dos alunos na questão 3 do texto III da Atividade 4


<p>Maria – O que eu penso sobre os políticos é que a gente só é procurado quando eles estão precisando.</p>

<p>Rebeca – Que a maioria dos políticos se importa com o povo e tem outros que não e também tem políticos que roubam na política e faz promessa que eles não podem cumprir.</p>

<p>Ana – Tudo corrupto. Promete e não cumpre.</p>

Fonte: autoria própria

A formulação de Maria está inscrita num pré-construído de que os políticos só “procuram” os seus eleitores quando estão “precisando”. Dito de outro modo, Maria se inscreve numa formação ideológica que vê o político como alguém que só vai ao encontro do seu possível eleitor no período eleitoral.

Na AD o não dizer é também uma forma de dizer. Pelo não-dito, a formulação de Maria sugere que os políticos só procuram os seus eleitores por conveniência. Sugere também que, uma vez passado o período das eleições, o povo é esquecido por seus mandatários, que não fazem o que devem fazer.

Na formulação de Ana, além do pré-construído de que os políticos são corruptos, também percebemos o discurso de que os políticos são “mentirosos”, pois “fazem promessas e não as cumprem”. Pelo procedimento analítico da AD, observamos, nesta formulação, a ocorrência da paráfrase (repetição), um retorno ao espaço do dizer, de modo que [político] “corrupto” e [político] que “promete e não cumpre” substituem-se.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, propusemo-nos analisar como os alunos da turma pesquisada leem o texto meme considerando o verbal e o não verbal imagético. A partir da questão formulada inicialmente, ancorada em pressupostos da AD, teoria e análise foram mobilizadas num *corpus* que nos permitiu fazer algumas formulações.

Antes, é importante ressaltar que essas formulações não tomam a forma de uma verdade imutável como a do conhecimento científico cristalizado. Do contrário, apresentam-se como possibilidades de leitura-interpretação que podem ser sempre outras, como propõe a AD.

Como vimos, a noção de discurso é basilar para a AD. Neste trabalho, buscamos analisar não os textos de forma empírica, mas os sentidos construídos a partir deles. Acreditamos que a noção de prática discursiva é fundamental quando se busca compreender processos específicos de significação. Essa noção deve ser enfrentada na sala de aula quando se pretende formar leitores mais críticos.

Sem incorrer na ilusão do digital como tecnologia avançada capaz de promover a superação das impossibilidades humanas, tomamos o digital como um instrumento de poder e de dominação. O discurso digital não está fora do processo histórico. Os seus dizeres são sustentados pela circulação que, por sua vez, retorna sobre a constituição de sentidos.

O meme, como recorte do discurso digital, tem relevante aceitação e ampla circulação entre os sujeitos. Essa aceitação está relacionada ao próprio modo como o digital se discursiviza: ora pelo apagamento do sujeito do processo de produção da tecnologia, ora pelo apagamento da própria história, das condições de produção. Neste trabalho, pudemos refletir sobre a historicidade e sobre os efeitos de textos meméticos.

As atividades desenvolvidas em sala a partir do caderno didático por nós elaborado nos mostraram que há um pré-construído de que o meme é um texto que apresenta humor. Este é um efeito da discursividade que, de certo modo, determina aquilo que pode ser dito. Numa dada formação discursiva, inscrita numa formação ideológica, formula-se que o texto memético é um texto engraçado.

Não obstante a isso, outras formulações decorrentes desta pesquisa nos revelam que o humor não é a única característica dos textos dessa natureza. Os

memes selecionados para compor o caderno didático, por exemplo, revelam também pré-construídos sobre a política e os políticos brasileiros.

Como demonstramos neste trabalho, há também um pré-construído de que o texto verbal e o não verbal imagético estão na ordem do recobrimento, como se um referendasse ou ilustrasse o outro. Como vimos, esta discursividade é efeito da dominância do verbal em detrimento de outras práticas de linguagem, uma questão pouco enfrentada na prática docente.

Apesar da dominância do verbal e dos efeitos dela decorrentes, entendendo o discurso como uma prática, reconhecemos também os processos específicos de significância de outras linguagens. Nesse sentido, este trabalho sinalizou que, não obstante a essa dominância, os alunos perceberam que há especificidades no texto imagético.

O percurso de construção de sentidos e os efeitos dos diferentes momentos deste trabalho nos permitem concluir que há especificidades no texto verbal e no texto não verbal imagético. Essas especificidades produzem efeitos distintos no modo como os alunos leem o meme.

Diante do exposto, ressaltamos que o trabalho com práticas discursivas diversas pode contribuir para a formação do leitor. Entendemos que é preciso enfrentar as especificidades dessas práticas, sobretudo, àquelas distintas do texto verbal. Reconhecendo a dominância deste, é preciso atravessar a ilusão do discurso verbal como discurso neutro e compreender as especificidades constituintes das diversas linguagens. É preciso compreender e reconhecer que não há univocidade nessas linguagens e que a dispersão e a opacidade são constituintes delas.

Assim, quando se pensa no ensino de leitura, com fundamento na AD, é importante compreender que a linguagem tem como condição a incompletude e que muitas são as possibilidades de significação. É necessário, ainda, dar condições para que o leitor acesse aquilo que ele não sabe, já que os sentidos se constroem também pela memória discursiva.

Nesse sentido, a pesquisa desenvolvida pode contribuir para o ensino de leitura à medida que problematiza a noção de que o texto imagético seja tão somente ilustração ou recobrimento do texto verbal, reconhecendo e demonstrando que é possível trabalhar as especificidades de cada um deles nas aulas de Língua Portuguesa.

REFERÊNCIAS

AGUSTINI, C. L. H.; ARAÚJO, É. D.; LEITE, J. D. A leitura do texto não-verbal imagético em livros didáticos: reflexões a partir de um olhar discursivo. **Entremeios**, Pouso Alegre, v. 14, p. 213-231, jan./jun. 2017.

AGUSTINI, C. L. H. Sujeito e singularidade: (n)a enunciação fotográfica. **Desenredo**, Passo Fundo, v. 3, n. 2, p. 245-254, 2007.

BARBOSA, P. L. N. **O papel da imagem e da memória na escrita jornalística da história do tempo presente**. In: GREGOLIN, M. R. (Org.). *Discurso e mídia: a cultura do espetáculo*. São Carlos: Claraluz, 2003, p. 111-124.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular** – Educação é a Base. Brasília: MEC, 2017.

_____. **Resolução nº 002/2022 – Conselho Gestor**, de 01 de fevereiro de 2022. Disponível em: <https://profletras.ufrn.br/documentos/488630937/2022#.YsOtZXbMLIU>. Acesso em: 15/04/2022.

CHAGAS, Viktor. Organizador. **A cultura dos memes** – aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital. Salvador: EDUFBA, 2020.

COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição; KRAEMER, Márcia Adriana (orgs.). **Uma leitura crítica da Base Nacional Comum Curricular** – compreensões subjacentes. Campinas: Mercado das Letras, 2019.

DAWKINS, Richard. **O Gene Egoísta**. Tradução de Rejane Rubino. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

DIAS, Cristiane. **Análise do Discurso Digital**: sujeito, espaço, memória e arquivo. Campinas: Pontes, 2018.

Escritos – linguagem, cidade, política, sociedade. **Contextos Epistemológicos da Análise de Discurso**. Campinas, Labeurb, Nudecri, n. 4.

FURLANETTO, Maria Marta. Discurso: estrutura e acontecimento: uma avaliação teórica. **Domínios de Linguagem**, v. 9, n. 3, julho de 2015. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/28749>. Acesso em: 20/03/2022.

GADET, Françoise; HAK, Tony. Por uma análise automática do discurso – Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora Unicamp, 2014.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (orgs.). *Métodos de Pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

HOLANDA, Chico Buarque de. [Entrevista cedida a] Zuza Homem de Mello. **Muito prazer, meu primeiro disco**. Pinheiros: SESC, nov. 2022.

HONÓRIO, Maria Aparecida; SOUZA, Renata Adriana. A imagem no interior da Análise de Discurso: apresentação de uma possibilidade de leitura. **Revista Cesumar** – Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, v. 13, n.1, p. 55-68, jan/jun. 2008.

IRINEU, Lucineudo Machado; MENDES, Maria das Dores Nogueira (orgs.). **Análise de Discurso e ensino de Língua Portuguesa**: propostas didáticas para os ensinos fundamental e médio. Campinas: Pontes Editores, 2019.

LEAL-TOLEDO, Gustavo. **Os memes e a memética: o uso de modelos biológicos na cultura**. São Paulo: FiloCzar, 2017.

LIRA, Alcebiades Girlandson Oliveira; OLIVEIRA, Edson de Sousa; JUNIOR, Nilo Marinho Pereira; ALMEIDA, Paulo Roberto Moreira de. **Manual de Normalização para Elaboração de Trabalhos Acadêmico-Científicos da Universidade Federal do Tocantins**. 2 ed. revista e atualizada. Palmas, 2022.

LOPES, Ana Maria Carnevale. **Contornos do Real na Psicanálise e na Análise do Discurso**. O acontecimento do discurso: filiações e rupturas. Porto Alegre, 2011.

MONNERAT, R. A imagem no discurso publicitário: texto verbal e não verbal podem estar em conflito? In: MENDES. E.; MACHADO, I. L.; LIMA, H.; LYSARDO-DIAS, D. (Org.). **Imagem e discurso**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2013, p. 406-425.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso** – Princípios e Procedimentos. 13ª Edição. Campinas: Pontes Editores, 2020.

_____. **Efeitos do verbal sobre o não-verbal**. Rua, Campinas, Labeurb, Nudecri, n. 1, p. 35-47, 1995.

_____. **Discurso e Texto** – formulações e circulação de sentidos. 5ª Edição. Campinas: Pontes Editores, 2022.

_____. **Discurso em Análise** – Sujeito, Sentido e Ideologia. 3ª Edição. Campinas: Pontes Editores, 2017.

_____. **Interpretação** – Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 5ª Edição. Campinas: Pontes Editores, 2020.

_____. **Análise de Discurso: conversa com Eni Orlandi**. [Entrevista cedida a Raquel Goulart Barreto. Teias: Rio de Janeiro, ano 7, n. 13-14, jan/dez, 2006.

PÊCHEUX, Michel. **O Discurso** – Estrutura ou Acontecimento. 7ª Edição. Campinas: Pontes Editores, 2015.

_____. **Análise de Discurso**. 4ª Edição. Campinas: Pontes Editores, 2015.

_____. **Semântica e Discurso** – Uma crítica à afirmação do óbvio. 5ª Edição. Campinas: Editora Unicamp, 2014.

TEIXEIRA, Paulo Marcelo Marini; NETO, Jorge Megid. Uma proposta de tipologia para pesquisas de natureza interventiva. **Ciência e Educação**. Bauru, v. 23, n. 4, p. 1055-1076, 2017. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S151673132017000400015&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 10/02/2022.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. 18ª Edição. São Paulo: Cortez, 2011.

VARGAS, André Luís Campos. Repetições, retomadas e deslocamentos no discurso de/sobre solidariedade. **Hiper Saberes**. Santa Maria, v. 2, p. 63 a 77, dezembro de 2009. Disponível em: http://w3.ufsm.br/hipersaberes/volumell/index.php?option=com_content&view=article&id=1159&Itemid=492. Acesso em: 15/02/2022.